



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ROBERTO SILVA DE MIRANDA

**A TRADIÇÃO DOS MANTRAS NO CONTEXTO DO YOGA INTEGRAL
(PURNA YOGA): UM ESTUDO ENTRE BRASIL E ÍNDIA**

JOÃO PESSOA
2014

ROBERTO SILVA DE MIRANDA

**A TRADIÇÃO DOS MANTRAS NO CONTEXTO DO YOGA INTEGRAL
(PURNA YOGA): UM ESTUDO ENTRE BRASIL E ÍNDIA**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, na Linha de pesquisa “Abordagens Filosóficas, Históricas e Fenomenológicas das Religiões” (Área de Concentração: Perspectivas histórico-filosóficas e literárias das religiões), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Abaurre Gnerre.

JOÃO PESSOA

2014

M672t Miranda, Roberto Silva de.
A tradição dos mantras no contexto do ioga integral (Purna
Yoga): um estudo entre Brasil e Índia / Roberto Silva de
Miranda.-- João Pessoa, 2014.
99f. : il.
Orientadora: Maria Lúcia Abaurre Gnerre
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE
1. Ciências das religiões. 2. Yoga. 3. Mantras. 4. Yoga
integral. 5. Pesquisa etnográfica.

UFPB/BC

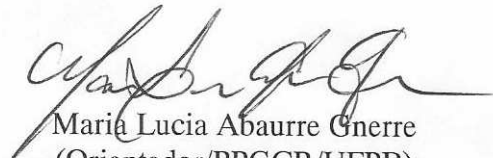
CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

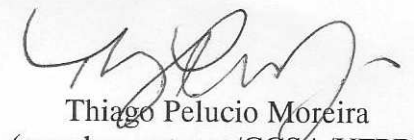
*“A TRADIÇÃO DOS MANTRAS NO CONTEXTO DO YOGA INTEGRAL (PURNA
YOGA) UM ESTUDO ENTRE BRASIL E ÍNDIA”*

Roberto Silva de Miranda

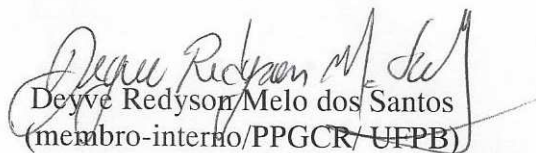
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Maria Lucia Abaurre Gnerre
(Orientador/PPGCR/UFPB)



Thiago Pelucio Moreira
(membro-externo/CCSA/UFPB)



Deyve Redyson Melo dos Santos
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Dedico esse estudo aos mestres do Yoga Integral, Sri Aurobindo e Mirra Alfassa (A Mãe), dos quais a iluminação resultou num rompimento com uma histórica oposição no Yoga, a do sagrado com o mundano, dedicando suas vidas a estabelecer a divina presença na terra.

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui minha gratidão A tantas pessoas importantes nesse processo para o desenvolvimento e conclusão desse trabalho.

Agradeço aos Mestres que nos guiam; aos meus pais, João Montenegro e Ana Angélica; meus referenciais de Karma-Yoga, que através do seu próprio exemplo de amor, de respeito ao próximo, de retidão nas palavras e nos atos me fazem acreditar que a vida divina é possível na terra.

Agradeço à professora Maria Lúcia, Yoguine e Educadora na melhor acepção do termo, por sua sábia orientação e presença nestes dois anos transformadores para mim, sendo sempre luz nos dias mais sombrios desse processo; ao Professor Horivaldo Gomes, pelos ensinamentos e reconhecimento no Sri Aurobindo Ashram.

Aos alunos do Arte Yoga, por manterem acesa a chama da Aspiração; aos instrutores da ANYI, pela confiança e colaboração. Gratidão à professora Mércia Rios, por me iniciar na senda do Yoga; aos professores Deyve Redyson e Fabricio Possebon pela contribuição fundamental para essa pesquisa.

A Milena Esther, minha companheira de sadhana, por toda a dedicação e acolhimento, sempre solícita e muito compreensiva; aos meus amigos, Gustavo Baez e Sandro Soares; a Cyelle Carmem pela sua importante ajuda na organização desse trabalho; a meus colegas de turma, em especial à Davila Maria e Ana Cândida, e a todos que somaram para a realização desse trabalho. A todos vocês: Danyavad Ananda (Gratidão e Bem-aventurança!)

“O *Mantra* é uma palavra rítmica direta e elevada, a mais intensa e divina, que encarna uma inspiração intuitiva e reveladora, animizando a mente com a visão e a presença do próprio *Atman*, a realidade íntima das coisas, com sua verdade, suas formas anímicas divinas, as Divindades nascidas da verdade viva. Ou, diríamos também: é uma linguagem rítmica que se detém na consideração do infinito inteiro, trazendo a cada coisa a luz e a voz de seu próprio infinito.”

(Sri Aurobindo)

RESUMO

Nossa dissertação tem como objetivo geral proporcionar uma visão crítica sobre a prática dos mantras no contexto do Purna Yoga (ou Yoga Integral), lançando no âmbito das Ciências das Religiões um olhar etnográfico sobre uma das principais heranças espirituais da Índia, que continuam a ser parte importante do Sadhana de diversas linhas e ramos do Yoga, buscando assim compreender estas sonoridades, efeitos e seus significados. Para termos uma compreensão geral sobre os Mantras abordaremos no primeiro capítulo alguns desses fonemas sagrados que são considerados importantes para a tradição do Yoga, haja vista sua grande frequência e utilização. Os *mantras* selecionados foram: O mantra OM, o *Gayatri* Mantra, o Mantra Hare Krsna (Maha Mantra Vaishnava). Estes são considerados mantras universais que são praticados em várias tradições, inclusive a tradição específica sobre a qual nos debruçaremos, o Purna Yoga ou Yoga Integral de Sri Aurobindo. No segundo capítulo aprofundamos conceitos sobre o Yoga Integral e apresentamos elementos da pesquisa de campo, através de nossa experiência de viagem pelos ashrams da Índia, onde vivenciamos importantes praticas de mantras vinculados a este Yoga. No terceiro capítulo, apresentamos o resultado das entrevistas com os principais mestres e professores do Yoga Integral em diversas regiões da Índia bem como mestres e instrutores brasileiros. Além disso, também apresentamos uma descrição de toda a atmosfera espiritual dos ashrams visitados, através de uma pesquisa participante na qual o pesquisador, mantendo um olhar acadêmico, experiência o campo através de sua práxis. Buscamos através de nossa pesquisa de campo observar justamente como estes mantras vêm sendo praticados na atualidade no contexto do Yoga Integral.

Palavras-chave: Yoga. Mantra. Yoga Integral. Índia. Pesquisa Etnográfica.

ABSTRACT

Our dissertation main objective is to provide a critical view about the practice of mantras in the context of Purna Yoga (or Full Yoga), launching under the Sciences of Religions an ethnographical look over one of the main spiritual heritage of India, which continue to be part important Sadhana of several lines and branches of Yoga, thus seeking to understand these sounds, effects and their meanings. To have a general understanding of the Mantras we will discuss in the first chapter some of these sacred phonemes that are considered important for the tradition of Yoga. The mantras selected were: The OM mantra, the Gayatri Mantra, Mantra Hare Krishna (The Vaishnava Maha-Mantra). These are considered universal mantras that are practiced in various traditions, including the specific tradition on which we had observed the Purna Yoga or Full Yoga of Sri Aurobindo. In the second chapter we deepen concepts of Full Yoga and present elements of field research, through our travel experience by the ashrams of India, which experienced important practices of Yoga mantras linked to this. In the third chapter we present the results of interviews with leading masters and teachers of Full Yoga in different parts of India as well as Brazilian masters and instructors. In addition we also present a description of all the spiritual atmosphere of the visited ashrams through a participatory research in which the researcher, maintaining an academic look, experience the field through its praxis. We strive through our field research to observe exactly how these mantras are being practiced today in the context of full Yoga.

Key-Words: Yoga. Mantra. Full Yoga. India. Ethnographic Research.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Altar védico contemporâneo	19
Figura 2 - Diversas representações possíveis do OM.....	20
Figura 3 - <i>Maa Brahmacharini</i> - avatar yoguine da Deusa <i>Durga</i> , que sempre porta seu <i>Japa-Mala</i>	31
Figura 4 - Representação de <i>Krsna</i> entre as <i>Gopis</i>	36
Figura 5 - Sri Aurobindo	39
Figura 6 – Símbolo do Yoga	40
Figura 7 - A Mãe (Mirra Alfassa)	41
Figura 8 – Mandala da Mãe	42
Figura 9 - Mapa com marcação dos locais visitados no sul e norte da Índia	57
Figura 10 – Pondicherry - Sri Aurobindo Ashran	58
Figura 11 – Mahasamadhi (Mausoléu dos mestres Sri Aurobindo e Mirra Alfassa)	59
Figura 12 - Nova Délhi - Sri Aurobindo Ashran Delhi Branch	61
Figura 13 - Animais selvagens	63
Figura 14 - Oferenda encontrada no Rio Ganges	64
Figura 15 – Leito seco do Rio Ganges	64
Figura 16 – Swami Brandev	67
Figura 17 - Prof. Vraje e Roberto Miranda, na escola de Sri Aurobindo Ashram, em Pondcherry	73
Figura 18 - Madhumita é a primeira dançarina, da esquerda para a direita. Foto tirada em sua residência, em Pondcherry, Índia	77
Figura 19 - Deby Prasad e Roberto Miranda, em refeitório do Sri Aurobindo Ashram Delhi Branch	80
Figura 20 - Roberto Miranda recebendo, das mãos da mestra Karuna Mayee, certificado de curso sobre mantras	83
Figura 21 - Professor Horivaldo Gomes meditando no alto da montanha de Arunachala em Tiruvanamalai- Índia	87
Figura 22 - Roberto Miranda e Horivaldo Gomes em meditação na montanha Arunachala	87
Figura 23 - Instrutora Arati no templo de Durga, ao norte da Índia, ao fundo, os Himalaias	90
Figura 24 – Prem Baba, guru brasileiro, muito reconhecido em Rishkesh, ao lado da Bandeira do Brasil, num comércio	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS INICIAIS	14
CAPÍTULO 1 - PRÁTICAS DE MANTRAS NO PASSADO E NO PRESENTE:	
ANÁLISE DOS MANTRAS SELECIONADOS	18
1.1 O MANTRA OM	20
1.1.1 O Mandukia <i>Upanishad</i>	22
1.1.2 O Mundaka <i>Upanishad</i>	23
1.2 GAYATRI MANTRA	24
1.2.1 A Natureza de <i>Gayatri</i>	28
1.3 O MAHA-MANTRA DE KRISHNA	33
CAPÍTULO 2 - YOGA INTEGRAL: CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE CAMPO	38
2.1 SRI AUROBINDO - BREVE HISTÓRICO BIOGRÁFICO	38
2.2 A MÃE	40
2.3 YOGA INTEGRAL - FILOSOFIA E CONCEPÇÕES	43
2.4 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO	54
2.5 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA: ÍNDIA 2013-2014	56
CAPÍTULO 3 - ENTREVISTAS E DISCUSSÃO	66
3.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO	66
3.2 ENTREVISTAS COM PRATICANTES INDIANOS	66
3.2.1 Swami Bramdev - Aurovalley Ashran – Haridwar	66
3.2.2 Bragkishore Vrage	73
3.2.3 Dr. Narendra - Chefe do departamento de Sânscrito do Sri Aurobindo Ashram- Pondcherry	75
3.2.4 Yogaratah Bharatal - Professor de Sânscrito do Sri Aurobindo Ashran	76
3.2.5 Madhumita Patnaik	77
3.2.6 Madhusudan Mahapatra - Professor de Sânscrito do Sri Aurobindo Ashran-Pondicherry	79
3.2.7 Debiprassad Pramanik	80
3.2.8 Karunamayee – Mestra de Mantras do Sri Aurobindo Ashram Nova Delhi	83
3.2.9 Latajiji - Professora de línguas do Sri Aurobindo Ashran – Pondicherry	85
3.3 ENTREVISTAS COM OS BRASILEIROS	86
3.3.1 Professor Horivaldo Gomes-RJ	86
3.3.2 Ana Beatriz Ribeiro (Tilak) - Instrutora de Yoga-RJ	89
3.3.3 Ana (Arati) - Instrutora de Yoga-RJ	90
3.3.4 Ramai Pandita Das (Ronald Regis) - Instrutor de Yoga Integral da ANYI	91
3.3.5 Jocelina Vieira (Jô) - Govinda - Instrutora de Yoga da ANYI	92
3.3.6 Suzete Issa Foligno (Suzi) - Samata - Instrutora de Yoga (Rio de Janeiro)	92
3.3.7 Maria Fernanda Trindade Ramos – Nandi - Instrutora de Yoga Integral (Salvador)	93
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa tem como objetivo geral trazer para o âmbito das Ciências das Religiões uma análise vinculada a práxis de uma das principais heranças espirituais da Índia, que continuam a ser parte importante do Sadhana de diversas linhas e ramos do Yoga. A saber, o Mantra.

Mantra é um termo em sânscrito que denota instrumentalização do som. Podemos definir mantra como uma prática de *religare*, associada ao som ou a uma vibração sonora, que pode ser emitida pela repetição de palavras, sílabas ou sons de poder.

O mantra enquanto tradição deve ser compreendido como algo que vai além de uma prática humana; deve ser compreendido através do próprio conceito de Verbo Criador e poder da palavra, que, segundo Possebon:

O que liga as diversas doutrinas, segundo nossa interpretação, é o poder da Palavra, VAC, aqui entendida como Verbo Criador. Em sânscrito, é a fala, o discurso, a voz, o som e a língua, personificada e divinizada na mais antiga tradição. Não se limita, portanto, a veículo de comunicação, numa visão moderna e pragmática. *Verbum*, VAC, é uma deusa dos tempos védicos. (POSSEBON; 2011, p.11)

Em primeiro lugar, para compreender o significado de mantra, não devemos concebê-lo como uma criação mental, como algo que pertence ao universo mental dos praticantes, mas sim como a própria força de criação divina que desde tempos imemoriais se manifesta através do som.

Corroborando com esta ideia, George Feuerstein (2006), nos fala deste poder divino do mantra à partir de sua grafia original em sânscrito.

Mantra (do radical *man*, “pensar” e do sufixo *tra* que sugere instrumentalidade), pensamento ou intenção expressos como som. Assim a palavra mantra denota “prece”, “hino”, “encantamento”, “conselho” e “plano”. Em contextos yogues, mantra significa fonemas numinosos com significados que podem ou não ter um sentido comunicável. [...] Cada mantra está associado a um poder invisível, ou divindade. (FEUERSTEIN, 2006, p. 147)

Segundo este autor, o mantra, tanto pode ser um instrumento de comunicação com esferas numinosas através de suas notas e sílabas sagradas, como também pode ser utilizado para fins específicos, terrenos e materiais: os

mantras têm sido utilizados há milênios para a cura de uma determinada enfermidade, a proteção, a purificação e outras funções na vida cotidiana de seus praticantes. Na contemporaneidade, tanto praticantes do *sanatana-dharma* (ou “a religião eterna”, conhecida como hinduísmo), como do Budismo, do Jainismo, do sikismo, e de uma infinidade de novos movimentos religiosos, fazem uso de mantras, com base na tradição védica que os sustenta.

Outra definição apresentada por Feuerstein (2006), que consta na obra *A Tradição do Yoga*, remete-nos a uma interpretação dos mantras dentro da história e da cultura hindu. Conforme dissemos anteriormente, desde tempos remotos, quase imemoriais, os sons e os hinos são considerados pelos iogues da Índia, como instrumentos de proteção e purificação da mente e de ambientes externos.

O som é uma forma de vibração e, como tal, era conhecida pelos *yoguis* da Índia antiga e medieval. De acordo com a teoria predominante da ciência dos sons sagrados - conhecida como *mantra-vidya* ou *mantra-shastra* -, o universo existe num estado de vibração. A descoberta de que os sons, e, sobretudo, os sons repetitivos, afetam a consciência, ocorreu há muito tempo provavelmente na Idade da Pedra. Podemos supor com bastante fundamento que os rituais paleolíticos incorporavam alguma forma de canto e percussão simples, talvez com o uso de ossos de animais como baquetas de tambor. [...] Os hinos dos *Vedas* são chamados pela tradição de *mantras*. A palavra *mantra* não tem equivalente exato em inglês ou português. É derivada da raiz *man* (“pensar” ou “estar atento”), que também se encontra nos termos *manman* (“ponderar atentamente”), *manas* (“mente”) [...] O sufixo *tra* em *mantra* sugere uma função instrumental. Entretanto, de acordo com uma explicação exotérica, ele vem da palavra *trana*, que significa “ato de salvar”. Portanto, o *mantra* é aquilo que salva a mente de si mesma, ou que conduz a salvação através da concentração da mente. (FEUERSTEIN, 2006, p. 90)

Desse modo, podemos admitir que, no contexto do *yoga* (enquanto *Dharshana*), o mantra assume variadas funções, no entanto, em todas as linhas é, reconhecidamente, um instrumento de poder ou caminho para uma experiência de transcendência e conexão com a vibração primordial do universo. E, embora o foco de nossa pesquisa seja a prática dos mantras no contexto da tradição do Yoga Integral, vale lembrar que a entoação dos mantras remete ao período védico, notadamente anterior ao surgimento do *yoga* enquanto *Dharshana*. Na verdade, os

textos do *Veda*¹ são, essencialmente, textos para serem entoados na forma de mantras.

Fica evidenciado, na tradição da Índia, que a eficácia do mantra está relacionada a sua entoação correta (sonoridade, pronúncia, atitude mental, etc...). Tomando por base estes pressupostos, nossa pesquisa tem como objetivos específicos:

- a) Compreender estas sonoridades, efeitos e significados no âmbito da tradição do Yoga. Assim, no primeiro capítulo para termos uma compreensão geral sobre os Mantras abordaremos alguns desses fonemas sagrados que são considerados importantes para a tradição do Yoga, haja vista sua grande frequência e utilização. Os *mantras* selecionados foram: O mantra OM, o Gayatri Mantra, o Mantra Hare Krsna (Maha Mantra da tradição Vaishnava). Estes são considerados mantras universais que são praticados em várias tradições, inclusive a tradição específica sobre a qual nos debruçaremos, o Purna Yoga ou Yoga Integral de Sri Aurobindo sobre o qual falaremos no objetivo seguinte.
- b) Analisar como estes *mantras* vêm sendo praticados na atualidade no contexto do Yoga Integral, ou Purna Yoga. A análise da prática dos mantras, no âmbito desta tradição será desenvolvida através da descrição de nossa viagem para pesquisa de campo na Índia, que foi realizada entre Dezembro de 2013 e Janeiro de 2014, onde foi possível a audição e o registro da prática de mantras nos principais *Ashrams* vinculados ao Yoga Integral, bem como, através de pesquisa de campo entre praticantes de Yoga no Brasil, filiados a ANYI (Associação Nacional do Yoga Integral) que se utilizam de mantras.

Para a realização destes objetivos, desenvolvemos três capítulos: o primeiro capítulo versa sobre análise de três mantras específicos, que selecionamos para nosso estudo e compreensão geral dos mantras; o segundo capítulo versa sobre a tradição do Yoga Integral na Índia e já apresenta elementos da pesquisa de campo, através de nossa experiência de viagem pelos ashrams da Índia, onde vivenciamos

¹ O nome *Veda* designa um conjunto de textos sagrados, sobre os quais se fundamentam a sociedade e espiritualidade indianas. A influência deste cânone védico sobre a cultura indiana vai desde o segundo milênio antes de Cristo até a atualidade (GNERRE, 2011, p. 25).

importantes práticas de mantras vinculados à tradição do Purna Yoga. No terceiro capítulo, apresentamos o conteúdo das entrevistas com os principais mestres e professores do Yoga Integral em diversas regiões da Índia bem como mestres e instrutores brasileiros. Além disso, também apresentamos uma descrição de toda a atmosfera espiritual dos ashrams visitados, através de uma pesquisa participante na qual o pesquisador, mantendo um olhar acadêmico, experiência o campo através de sua práxis.

Este olhar participante nos permite desenvolver uma pesquisa de cunho etnográfico. Isto quer dizer que nos colocamos na posição de observador de uma cultura, ou de um modo de ser reconhecidamente diferente do no nosso, ou seja, a tradição dos mantras no seio da cultura indiana. Os atores ou os pesquisados que nos interessaram configuravam-se em professores e mestres de yoga e(ou) mantras da tradição do yoga integral, pessoas que reconhecidamente exercem funções importantes nos ashrams deste Yoga, bem como brasileiros praticantes de Yoga Integral.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS INICIAIS

Mircea Eliade (2012), um dos grandes referenciais para pesquisas na área de Ciências das Religiões, faz importantes reflexões sobre os *mantras* e sobre a importância de sua sonoridade para a concentração:

O valor prático e a importância filosófica dos *mantras* ligam-se a duas ordens de fatos. Em primeiro lugar, a função *yóguica* dos fonemas, utilizados como “suportes” para a concentração; em segundo, o aporte propriamente tântrico: a elaboração de um sistema gnóstico e de uma liturgia interiorizada, revalorizando as tradições arcaicas sobre o som místico. (ELIADE, 2012, p.180)

Outro conceito que Eliade utiliza como uma prática próxima ou similar ao *mantra* é o de *Dharani*. As *dharani* seriam esses fonemas, utilizados como proteção ou fórmulas de concentração, e estariam, para a tradição do yoga, ligados à respiração, que conduziriam seu ritmo. Para Eliade, tanto os *mantras* quanto as *dharani*, para terem seus poderes ilimitados, deveriam ser aprendidos através de um mestre, e não nos livros.

As *dharani*, como os *mantras*, são aprendidos da “boca do mestre” (*guruvaktratah*); como os fonemas, não pertencem à linguagem profana nem se pode aprendê-los nos livros, deve-se “recebê-los”. Uma vez recebidos da boca do mestre, os *mantras* têm poderes ilimitados. (ELIADE, 2012, p. 182)

Assim, o aprendizado dos mantras estaria, originalmente, inserido em um contexto iniciático da tradição Guru-discípulo que perpassa toda a tradição indiana, desde os *upanishads* (textos sagrados da Índia, sobre os quais vamos discorrer no primeiro capítulo deste trabalho). Ainda sobre o poder ilimitado de um *mantra*, Eliade (2012) afirma:

A eficiência ilimitada dos *mantras* é devida ao fato de que eles são (ou pelo menos podem tornar-se, mediante recitação correta) os “objetos” que representam. Por exemplo, cada deus, cada grau de santidade, possui um *bija-mantra*, “um som místico” que é sua “semente”, seu “suporte”, isto é, seu próprio ser. Repetindo, conforme as regras, esse *bija-mantra*, o praticante toma posse de sua essência ontológica, assimila o deus de maneira concreta e imediata, e também o estado de santidade etc. (ELIADE, 2012, p. 182)

Junto com estes elementos, que Eliade aponta como essenciais para a eficácia do mantra, há também um fator importante associado à própria respiração do praticante. Quando o mantra é entoado de forma correta, seguindo a métrica do sânscrito védico, percebemos que a própria respiração se altera em função desta métrica. O praticante, para emitir a pronúncia correta de determinadas palavras do sânscrito, e respeitar sua entoação mântrica, acaba por praticar momentos de *Kumbhaka* (retenção do ar) e *Rechaka* (exalação do ar), através de um trabalho diafragmático vigoroso. Como se sabe na tradição do Yoga, estas práticas de alteração da respiração, similarmente aos *Prāṇāyāma* (controle do *prāṇā*)², são poderosos alteradores de consciência. Por isso, acreditamos também que o mantra exerce este efeito junto ao praticante, que além de entrar na sintonia das deidades, também altera seu próprio fluxo de *prana*.

Ainda sobre os estudos dos efeitos e poderes dos mantras, autores contemporâneos adeptos à linhagem espiritual de Swami Dayananda ressaltam os poderes espirituais que os praticantes de *mantra* passam a dispor:

² O *prāṇā* é a força vital que circula pelos *cakras*, e por todas as estruturas dos corpos sutis.

Nos estudos dos *Mantras*, tem-se que, com o som, por meio do seu poder divino e com as repetições em sânscrito das palavras sagradas, pode-se alcançar as camadas mais profundas do nosso psiquismo. Estudam-se as vocalizações ou fórmulas sagradas e secretas, que podem ser entoadas normalmente, em forma de som ou mentalmente. Foram os *rsis* (sábios) que, com suas intuições, revelaram o poder do Divino nos *mantras*. Para eles, a combinação dos sons proporcionava um efeito magnético no praticante, atribuindo-lhe poder espiritual. (NOVAES et al; 2011, p. 11)

Percebemos também, em algumas tradições do Yoga, a prática de repetição desses sons de poder, como instrumento para atingir estados alterados de consciência ou “frequência vibracional” elevada, bem como realizar uma transformação no ambiente, preparando-o para a prática, haja vista a sempre presente entoação do *mantra Om*, nas diversas tradições do Yoga, bem como o seu reconhecimento como parte inerente à prática (*Sadhana*). A este respeito, Georg Feuerstein (2006), um dos maiores estudiosos do Yoga na contemporaneidade, faz as seguintes colocações:

Considerado isoladamente, o som mais importante nos cantos rituais védicos era o monossílabo *Om*, que é até hoje, no Hinduísmo, o fonema sagrado mais venerado e amplamente aceito. (FEUERSTEIN; 2006, p.90)

O som, a vibração sonora, é concebido como parte integrante do processo de transformação da consciência e como parte fundamental de manifestação do todo, conhecido na cultura védica como *Brahman*. Nesse sentido, podemos entender *mantra* tanto como uma prática social, realizada pelos seres humanos desde os tempos primitivos, também como uma manifestação vibratória do próprio absoluto. A este respeito, temos esta importante passagem de Heinrich Zimmer (2003):

Os sons percebidos pelo ouvido externo são o resultado de ‘duas coisas que se chocam’, ao passo que o som do *Brahman* é *anahatasabda*, “o som (*sabda*) que surge sem que duas coisas se choquem (*anahata*)”. Este som é o *Om*; não o *Om* produzido pelos lábios, que é apenas uma sugestão mnemônica criada pelo choque da corrente de ar proveniente dos pulmões com os órgãos da fala, mas o *Om* fundamental da criação, que é a própria Deusa como som. (ZIMMER, 2003, p.414)

Assim, em seu contexto de origem na cultura indiana, o *mantra* tanto pode ser compreendido como um som emitido pelo aparelho fonador humano, quanto pode ser entendido como a vibração geradora da existência que permeia todos os seres, e que, em determinados estados de consciência, pode ser percebido ou acessado pelo *sadhaka*³.

A proposta de nosso trabalho é justamente esta, de compreensão do significado da prática do mantra em sua cultura de origem, e a partir daí, estabelecer um olhar sobre como esta prática vem sendo desenvolvida na contemporaneidade entre praticantes de Yoga Integral no Brasil.

³ Aquele que pratica a disciplina, ou *Sadhana*.

CAPÍTULO 1 - PRÁTICAS DE MANTRAS NO PASSADO E NO PRESENTE: ANÁLISE DOS MANTRAS SELECIONADOS

Neste primeiro capítulo, vamos analisar aspectos filosóficos e práticos relacionados três mantras que consideramos fundamentais na tradição indiana, e que selecionamos como referências para nossa pesquisa teórica em função da sua ampla divulgação que vai além da Índia: O mantra *OM*, o *Gayatri Mantra*, o *Mantra Hare-Krsna* (*Maha Mantra* da tradição Vaishnava). É importante dizer que, no Yoga Integral, que é o foco de nossa pesquisa, não há um repertório ou indicação destes mantras especificamente, porém estes mesmos mantras, fazem parte do sadhana de alguns adeptos, como apresentaremos no terceiro capítulo deste trabalho.

No entanto, antes de começarmos nossa análise dos mantras propriamente ditos, é importante ressaltar que a prática do mantra na tradição indiana está intimamente relacionada a todo um contexto ritual, que segue prescrições que estão em textos védicos e outras escrituras sagradas. Desde sua origem védica, o mantra está relacionado aos elementos rituais daquela cultura.

Segundo a descrição de Mircea Eliade (2010 [1976], p. 212-3), o culto védico não conhecia santuários; os ritos realizavam-se na casa do sacrificante, ou num terreno limítrofe, atapetado de relva, no qual se instalavam 3 fogos. As oferendas eram leite, manteiga, cereais e bolos, mas havia também o sacrifício de animais como a cabra, a vaca, o touro, o carneiro, e o mais importante de todos: o cavalo. O sacrifício do cavalo (*asva-medha*) estava presente em outras sociedades indo-europeias, que teriam sido as primeiras a domesticar o animal.

Dos quatro livros dos *Veda*, o *Rig-Veda* é considerado tanto pelos acadêmicos quanto pelos adeptos, como sendo o mais importante. Trata-se de uma coleção de 1028 hinos, voltada para assuntos religiosos, para explicações sobre a origem dos deuses e de todo o universo. Para compreender o uso do *Rig-Veda*, devemos imaginar a seguinte cena:

Um rito está sendo realizado em local sagrado, pelos sacerdotes que podem fazê-lo. Enquanto realiza-se o rito, os versos são recitados, invocando a presença divina e narrando os mitos primordiais. Nas estrofes, o poder mágico das palavras está sempre presente. Há uma maneira correta de pronunciá-las, para que se garanta a eficácia do canto. Esta entoação das palavras mágicas é conhecida como Mantra (POSSEBON, apud GNERRE, 2011, p.33).

Estas práticas ritualísticas que envolvem os mantras continuam sendo executadas pelos Brâmanes indianos até a contemporaneidade, como vemos nesta imagem:



Figura 1 - Altar védico contemporâneo.

Assim, desde sua origem até a contemporaneidade, o mantra segue vinculado a práticas rituais da tradição indiana. O mantra é o elemento central do Puja, ou seja, da oferenda. O puja é uma oferenda de energia ou de elementos rituais (manteiga, incenso, etc.), que tanto pode ser feito por um grupo social, quanto por um único praticante. O mantra diante da imagem de uma divindade, colocada sobre um altar, onde o elemento fogo se faz presente, por vezes associado à água, à manteiga, e ao incenso, é o centro da religiosidade hindu – seja individual ou coletiva. Os gurus que movem multidões na Índia contemporânea fazem vastos usos dos mantras, sendo estes elementos da religiosidade popular na Índia.

Neste capítulo, vamos abordar justamente alguns mantras clássicos de determinadas tradições históricas, mas que também estão inseridos nesta cultura popular indiana.

1.1 O MANTRA OM



Figura 2 - Diversas representações possíveis do OM.

Uma importante parte da nossa pesquisa versa sobre o *Pranava Om*, tido como o mais conhecido e praticado *Mantra* entre todos. Este som monossilábico seria a união do (A-U-M), e a sílaba representaria a vibração sonora mais elevada, a própria corporificação sonora do Divino. Dizem os logues que, quando todos os sons cessam, a vibração que permanece no universo é o *Pranava Om*.

O Om, no entanto, difere dos mantras que apresentaremos a seguir, onde encontramos palavras em sua composição. O Om é composto apenas por um fonema, e neste único fonema estaria contido todo seu poder de elevação da mente para estados de transcendência. Por ser justamente um fonema monossilábico, o OM pertence à categoria dos chamados *Bija Mantras* (ou mantras-semente).

Outro importante autor contemporâneo reafirma a importância deste mantra:

Este não é um mantra comum, com objetivo e alcance limitados. Seu poder é o mais fundamental e abarcante dentre todos os mantras. Ele afeta o próprio coração do *Jivatma* e a mais importante e fundamental relação existente na natureza, isto é, a relação entre

Jivatma e Paramatma. Ele é a expressão verbal (vachaka) de *Ishvara* (TAIMNI, 1991, p.69).

Praticamente toda a literatura religiosa Hindu faz referência ao mantra Om. Dentre os mais importantes textos clássicos que abordam e conceituam o Mantra Om, temos os *Upanishads*. Os *Upanishads* são tidos como a segunda parte dos Vedas, também conhecido como *Vedanta* ou fim dos Vedas.⁴ Essas escrituras tratam do conhecimento de Brahman, o Absoluto. E diversas delas são dedicadas ao mantra Om, que em algumas passagens é tido como o próprio absoluto.

Gnerre (2011) comenta essa transição entre o período védico brahmânico e o fim dos Vedas da seguinte forma:

Para os sábios das *upanishad*, não interessa mais apenas o conhecimento das palavras mágicas, o conhecimento dos hinos a serem recitados nas ocasiões apropriadas. Interessa o conhecimento do Brahman, que transcende as próprias palavras. Não interessam mais ações que levem ao “mais alto lugar do céu”, pois este lugar também é uma manifestação transitória do Brahman, assim como são todas as suas manifestações. Interessa, sim, o conhecimento do absoluto, daquele que não tem forma, e está além do mais alto céu. (GNERRE, 2011, p. 54)

Nos textos das *Upanishads*, o mantra OM é justamente aquilo que propicia este conhecimento de *Brahman*: é o mantra que abre as portas da consciência individual e egoica para o absoluto sem forma, que está mais além do alto céu. Existem cento e oito antigas *Upanishads* preservadas. Algumas são em prosa, outros são em verso, outros em verso e prosa, e sua extensão é variada, mas não costumam ser textos muito longos. Variam também o estilo e a forma das *upanishads*: alguns são simples e narrativos, outros são abstratos, assumindo muitas vezes a forma de diálogos. Também não se sabe ao certo quem os escreveu, nem exatamente quando (apenas um período aproximado). Os *Rsi*, sábios videntes a quem se atribuem os textos, permanecem totalmente nos bastidores das palavras,

⁴ Os *upanishads* são um conjunto de textos sagrados desenvolvidos na Índia no período Bramânico, entre 1.000 e 400 a.C. Assim, segundo a periodização tradicional da literatura indiana, são textos produzidos num período posterior ao védico, num contexto de transição de uma cultura *ārya* – védica, para uma cultura que incorpora elementos das tradições autóctones aos conceitos védicos. A grande maioria dos *upanishads* foi criada fora dos círculos sacerdotais bramânicos, e por isso teriam dado esta oportunidade de emergência de novas formas de pensamento não advindas da cultura ariana. (GNERRE, 2011, p. 43)

fiéis ao ensinamento central de seus textos: a dissolução do eu individual em meio ao Eu universal (GNERRE, 2011, p. 47).

Para elucidarmos nossa compreensão a respeito das características desta sílaba sagrada, vamos analisar partes dos textos de algumas destas *upanishads*, especificamente da Mandukia e da Mundaka, duas das Upanishads que mergulham de forma mais profunda nos significados do OM.

1.1.1 O Mandukia *Upanishad*

No texto do Mandukia *Upanishad* de Prabhavananda e Manchester (1993), há o seguinte comentário a respeito da sílaba OM:

A sílaba OM, que é o imperecível Brahman, é o Universo. Seja o que for que já tenha existido, seja o que for que exista, seja o que for que vá existir daqui para diante, é Om. E seja o que for que transcenda o passado, o presente e o futuro, também é OM. (PRABHAVANANDA; MANCHESTER, 1993, p.67)

Vemos aqui exposto, os termos Om e Brahman como sinônimos. E ainda que Brahman seja o próprio Universo, é tido então que o OM é a sílaba sagrada que incorpora Deus, o corpo sonoro do Divino. Passado, presente e futuro do cosmos. Tudo é Brahman, tudo é o OM.

Aqui podemos retomar o conceito de VAC que foi apresentado na introdução, e estabelecermos um paralelo entre a sílaba sagrada da tradição hindu com o próprio verbo criador presente na Bíblia. Em João (1: 1-4) está escrito: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Rohit Mehta (2003, p. 28), um importante comentador contemporâneo dos Upanishads, interpreta e correlaciona essa passagem bíblica com o próprio conceito de Om, afirmando que “a palavra estar com Deus” seria uma manifestação vinda de Deus, enquanto “... e o Verbo era Deus”, seria um estado imanifesto do divino, onde o Verbo seria o próprio Deus, *Brahman*.

No Mandukia *Upanishad* (1993) é dito que há um Eu que está no interior dos seres que é o próprio *Brahman*, que tudo o que vemos fora, no exterior, também é *Brahman*, e que esse Eu também é uma coisa só com o OM. Ainda nesse mesmo *Upanishad* sobre esse *Eu*, está escrito:

Ele é pura consciência unitária, onde a percepção do mundo e da multiplicidade é completamente eliminada. Ele é a paz indefinível. Ele é o bem supremo. Ele é o Um sem segundo. Ele é o Eu. Conheci apenas ele! (PRABHAVANANDA; MANCHESTER, 1993, p.68)

Um aspecto curioso nessa *Upanishad* é que está dito que o Om, essa sílaba indivisível, é impronunciável e está além da mente. Esse texto trata, fundamentalmente, do conhecimento do Eu:

O Quarto, o Eu, é OM, a sílaba indivisível. Esta sílaba é impronunciável, e está além da mente. Nela, o Universo múltiplo desaparece. Ela é o bem supremo-Um sem segundo. Quem quer que conheça OM, o Eu, torna-se o Eu. (PRABHAVANANDA; MANCHESTER, 1993, p. 69)

Como entender esta afirmação do M. UP., de que o OM é impronunciável, já que ele também é o mantra mais entoado em todas as tradições? Uma hipótese que vemos nas declarações de alguns mestres é que o verdadeiro OM é aquele que deve ser apenas ouvido. A vocalização do mantra serviria para invocar o conhecimento deste OM impronunciável e onipresente, que sustenta o universo. Paramahansa Yogananda, um importante mestre que difunde a tradição do Yoga no ocidente na primeira metade do século XX, alerta-nos justamente para o fato de que a verdadeira meditação em OM deveria ser feita através da escuta interior da sílaba sagrada, e somente nesta escuta podemos acessar a frequência perfeita deste som. (YOGANANDA, 2007)

1.1.2 O Mundaka Upanishad

No Mundaka Upanishad, o mantra Om é primeiramente citado como uma “ferramenta” ou instrumento para que o ser individual possa conquistar a meta última da autorrealização, atingir Brahman:

OM é o arco, a flecha é o ser individual, e Brahman é o alvo. Mirai com o coração tranquilo. Perdei-vos dentro dele, do mesmo modo como a flecha se perde no alvo. (PRABHAVANANDA; MANCHESTER, 1993, p. 62)

Ou seja, é através da prática do OM que a consciência egoica individual do praticante pode ser “arremessada” para o alvo supremo, que é o próprio *Brahman*.

Uma vez atingida a meta, toda a individualidade é perdida, restando apenas o absoluto supremo.

Logo abaixo, nessa mesma *Upanishad*, é possível perceber novamente o Om como um sinônimo de *Brahman*:

Dentro do lótus do coração ele habita, onde, como os raios de uma roda, os nervos se encontram. Meditai nele como OM. Facilmente podereis atravessar o mar da escuridão. (PRABHAVANANDA; MANCHESTER, 1993 p. 62)

1.2 GAYATRI MANTRA

Um segundo mantra que objetivamos estudar é o *Gayatri Mantra*. Existem muitas traduções diferentes e divergentes sobre o significado do *Mantra Gayatri* - como era de se esperar para uma transliteração e tradução a partir do Sânscrito para o Inglês e Português. O que percebemos ser comum a essas importantes traduções é a forma devocional de seus significados, como um pedido ao Sol, para que ele ilumine a consciência do aspirante por uma inspiração, por uma melhor percepção espiritual e discernimento.

Para nosso estudo, escolhemos algumas traduções do mantra *Gayatri*, para que tenhamos elementos de comparação.

A primeira tradução do *Gayatri* que devemos citar é aquela apresentada por Georg Feuerstein (2006): “Om. Terra. Meia-região. Céu. Deixe-nos contemplar o esplendor mais excelente do Savitri [Sol], que ele possa inspirar as nossas visões”.

A segunda versão é aquela proposta por I. Taimni (1991): “Meditamos sobre a Luz Divina do adorável Sol da Consciência espiritual que estimula nosso poder de percepção espiritual.” Esta versão nos dá uma abordagem mais filosófico-espiritual do mantra.

Uma terceira versão seria aquela do mantra *Gayatri*. De acordo com a tradição de ensino de Swami Dayananda (NOVAES; s/a, p.32): “Os três mundos são permeados pelo Senhor, o Criador. Om é a base de tudo. Este Senhor é aquele que é o mais adorado. Nós meditamos no Senhor, que é todo Conhecimento. Que Ele direcione nossos intelectos na direção correta”.

Finalmente, temos o mantra *Gayatri* pela tradição da Associação Nacional de Yoga Integral (GOMES; s/a, p.8): “Meditemos sobre Deus e sua Glória. Aquele que

criou este Universo. Aquele que deve ser adorado e por quem toda a ignorância é eliminada. Possa Ele iluminar nossa inteligência”.

Além de ser considerado um Mantra, o *Gayatri* é também tido como uma oração, pois um Mantra não necessita, necessariamente, de um significado, mas sim do que está contido naquelas palavras. Já o *Gayatri* também encerra em si uma poderosa oração:

Quando o poder mântrico é, deste modo, combinado com o poder da oração, obtém-se um instrumento mais efetivo para o desenvolvimento das nossas potencialidades espirituais. (TAIMNI, 1991, p.65).

Através do estudo da estrutura e significado do mantra, o autor afirma que o *Gayatri* pode ser dividido em três partes bem definidas. Qual seria a função ou propósito específico destas três partes?

A primeira parte, *Om bhuh, Om bhuvah, Om suvah*, teria como propósito estimular, nos veículos do praticante, determinados poderes que preparam o terreno pras outras partes. A segunda parte, *Tat savitur Varenyam Bhargo Devasya Dhimahi*, visa estimular no praticante uma forte aspiração com o objetivo de entrar em contato com a Consciência de *Savita*, que seria a Divindade que preside o nosso sistema solar. Sobre a última parte, *Dhiyo Yo Nah Prachodayat*, Taimni (1991) afirma: A terceira parte objetiva criar uma atitude de autoentrega (*atma-samarpana*), a qual é essencial para o descenso da graça Divina (*Kripa*).

Voltado exclusivamente para a análise deste mantra, temos uma publicação de extrema relevância, o livro *Gayatri: O Mantra Sagrado da Índia* (1991), de I.K.Taimni⁵. O autor inicia o texto falando da grande importância que os *Rishis* (sábios) da Índia davam à prática diária da *Japa* (pronúncia meditativa) do *Gayatri* mantra. Não só para aqueles que vivem uma vida de ascetismo e em busca de uma

⁵ O Dr. I. K. Taimni é um reconhecido estudioso indiano do Yoga e do Hinduísmo. Sua formação acadêmica foi no campo da Química, no qual se tornou Ph.D, com diversas publicações em revistas internacionais e orientações em pesquisas nesta área. Além desse campo de atuação, foi também um profundo estudioso de religião e de filosofia da Índia. Publicou várias obras nestas temáticas, destacando-se como grande autoridade no assunto do Yoga. Vários de seus livros foram traduzidos para diversos idiomas, dentre os quais se destacam “A Ciência da Yoga” (Comentários aos Yoga-Sutras da Patanjali), “O Homem, Deus e o Universo” e “Śiva Sutras: realidade e Realização Supremas”.

emancipação espiritual, mas também para os Hindus que vivem sua vida mundana nas grandes cidades.

O Gayatri aborda um aspecto do desenvolvimento humano que está além do raciocínio de uma “mente inferior” o que identificaria no indivíduo uma percepção espiritual mais elevada chamada de *buddhi*. A respeito dessa faculdade ele afirma:

O intelecto pode conhecer todos os fatos, mas a menos e até que ele esteja iluminado pela luz de *buddhi* não conseguirá perceber seus significados mais profundos. E por esta razão que a atitude dos filósofos que todos os dias fazem conferência sobre os problemas mais profundos da vida não difere apreciavelmente da atitude do homem comum. Também é por esta razão que o cientista que diariamente varre os céus e olha para as profundezas longínquas deste vasto universo não consegue perceber a insignificância de nossa vida humana, desde um ponto puramente físico... Estas pessoas parecem conhecer tudo e, no entanto, nada conhecem. O seu conhecimento está apenas no plano do intelecto. A faculdade de *buddhi* ainda não foi desenvolvida, ou permitido o seu funcionamento em um grau adequado (TAMNI, 1991, p.13).

Assim, *buddhi* seria algo que está além de qualquer concepção meramente mental, ou intelectual, sendo esta uma consciência luminosa superior que quando desenvolvida ou sintonizada pelo adepto permite ao mesmo a compreensão de significados mais profundos da existência. Ainda sobre essa concepção de *Buddhi* e sua manifestação no aspirante, como um estágio superior, uma manifestação transcendente, temos outro termo advindo do *Samkhya* (uma das mais importantes escolas filosóficas da Índia) expresso nessa frase por Gnerre (2011):

O primeiro estágio de manifestação desta matriz transcendente é chamado de *Mahat* – ou o grande intelecto, a grande mente. Este estágio tem a natureza da inteligência e da luminosidade, por isso é conhecido também como *buddhi* – sabedoria superior. (GNERRE, 2011, p.86)

A *viveka* ou “iluminação” de *buddhi* poderia ser entendida como um processo de tomada de consciência, o que daria ao *sadhaka* (aspirante espiritual) uma qualificação necessária para trilhar a senda de uma *sadhana* (prática espiritual) com maior êxito em sua jornada. E o mantra *Gayatri* seria o elemento central das práticas espirituais aconselhadas pelos *rishis* para o desenvolvimento dessa faculdade. Para que esse processo ocorra, segundo o autor, o aspirante teria que passar por um

processo de refinamento ou purificação de seus “corpos sutis”⁶, do mais denso, o plano físico aos mais sutis. Sobre isso Taimni (1991) comenta:

Uma vez que a iluminação pode ser considerada como expressão da consciência sem ser indevidamente tolhida e obscurecida por seus veículos, a *sadhana* para se alcançar o estado de iluminação deve estar relacionada fundamentalmente com a reorganização e purificação dos veículos (TAIMNI, 1991, p.23).

Desse modo, o mantra *Gayatri* seria uma ferramenta advinda de níveis mais sutis que ajudariam na purificação desses veículos mais densos. Assim, a primeira tarefa do *sadhaka* ou aspirante, portanto, não se trata de alcançar a iluminação, mas sim de remover os densos obscurecimentos impostos pelos veículos inferiores, de modo que ele possa trabalhar com o auxílio da luz que vem dos veículos mais sutis nos planos espirituais. E essa é a luz de *buddhi* e com a qual o mantra *Gayatri* está relacionado. (TAIMNI, 1991, p.24).

Ainda sobre esse processo de refinamento ou purificação dos veículos inferiores, o autor afirma:

De fato, tão logo inicia-se o processo de purificação e harmonização começam a aparecer mudanças na consciência, embora estas possam não se manifestar na forma que ele espera ou deseja. Por exemplo, muitos *sadhakas* ao começar uma *sadhana* de qualquer tipo esperam obter visões e coisas deste gênero. Mas geralmente nada disso acontece. O mais provável é que tudo o que o *sadhaka* experimente seja uma paz e uma força interior, bem como uma maior capacidade para ver claramente os problemas da vida e suas ilusões, e também as suas próprias fraquezas e tolices (TAIMNI, 1991, p.24).

O que o autor afirma é que, através da prática deste mantra, o praticante (*sadhaka*) adquire uma qualidade fundamental na tradição indiana: *viveka*, ou o discernimento. Justamente este discernimento é o que permite ao praticante experimentar esta “capacidade de ver claramente os problemas da vida de suas ilusões”, ou seja, permite ao *sadhaka* continuar vivendo sua realidade corpórea, mas trazendo sempre consigo o discernimento e a percepção correta, elementos que podem torná-lo um “ser liberto”, porém, que continua vivendo no próprio contexto da *Māyā* – um dos grandes conceitos que envolvem toda a tradição indiana.

⁶ Sobre corpos sutis na tradição do Yoga, cf. ELIADE (2010) e FEUERSTEIN (2005).

Segundo o dicionário Monier-Williams (1988, p. 811) de Sânscrito-Inglês, *māyā* pode significar “medida”, “ilusão”, “irreal” ou “magia”. A ideia de “medida” é importante, pois, de acordo com ela, *māyā* não pode ser compreendida apenas como “ilusão”, mas também como medida que todo sujeito forma da realidade em que vive; é seu ponto de vista, mas ele considera como sendo “o real” e, por isso mesmo, é ilusão (BHAGAVADGITA, 2009, p. 86). Assim, a prática do *Gayatri* seria uma forma de gerar este discernimento e permitir ao praticante estabelecer uma compreensão da própria natureza da *māyā*. Esta seria a meditação suprema do *Gayatri*. Vamos continuar abordando este tema no item seguinte.

1.2.1 A Natureza de *Gayatri*

Para se conhecer a essência de um mantra, precisamos saber, a princípio, qual o significado do termo, ou que poder está refletido naquela vibração sonora. No caso do mantra *Gayatri*, temos uma palavra que é usada pelas escrituras hindus com três significados.

É usada primeiramente para designar o bem conhecido mantra, que é recitado e sobre o qual se medita durante Samdhyā. Em segundo lugar, para a métrica ou *chandas*, na qual o mantra acima está formulado. Em terceiro lugar, a palavra é usada para designar a Devi (Deusa) que detém o poder deste mantra. (TAIMNI, 1991, p. 26)

Vamos continuar aqui nossa abordagem sobre o poder que é invocado na repetição (japa) do mantra *Gayatri*. Em diversas tradições e filosofias da Índia, há um pressuposto de unidade conhecido como Realidade imanifestada ou *Nirguna Brahman* que, quando manifestada, é expressa por *Śiva* (Consciência) e *Śakti* (Poder). Essa *Śakti* ainda pode ser entendida no universo manifesto por inúmeros poderes que estão sempre ligadas a funções da consciência. A esses poderes são dados representações simbólicas de arquétipos que expressam determinados poderes da consciência. Esses arquétipos são os *Devatas* e as *Devis* (divindades) do panteão Hindu. Então, qual seria a natureza essencial de *Gayatri Devi*? Segundo o autor, “trata-se da função libertadora de *Ishvara*, a qual liberta as almas do aprisionamento no qual o poder de *māyā* envolve.” (TAIMNI, 1991, p. 26)

Segundo esta concepção, *māyā* seria uma forma de aprisionamento, de involução advinda da identificação com a matéria, e a evolução se daria a partir da

identificação do *sadhaka* com a consciência. E para essa evolução, *Gayatri* seria uma fórmula que, através de sua *upasana*, capacitaria o *sadhaka* a níveis mais evoluídos de consciência.

Gayatri nos auxilia a desenvolver, progressivamente, a consciência humana. O desenvolvimento da consciência humana, quando alcança certo estágio, facultamos a entrar em contato, através dos níveis mais profundos de nossa consciência, com a mente universal na qual o conhecimento dos *veda* está contido. Portanto, podemos perceber que uma maneira verdadeira e efetiva de conhecer os *Veda* é por meio de *Gayatri*, que produz este desenvolvimento progressivo da consciência.

Há ainda uma lenda mítica sobre esse conhecimento dos *Veda*, através da prática do mantra *Gayatri*, nos textos sobre mantra do professor de Yoga, Horivaldo Gomes (s/a. p. 8) que conta:

Manu, um jovem Brahmanin deseja conhecer plenamente a sabedoria dos *Veda*, porém, sem lê-los. Seu pai, um homem erudito e respeitado, procurou dar-lhe todos os ensinamentos para que ele também se tornasse um homem sábio. Contudo, por causa de sua preguiça e falta de vontade, tão comum ao ser humano, Manu descartava qualquer possibilidade de estudar os *Vedas*. Para facilitar o alcance do seu desejo, começou a venerar Indra, o Senhor dos Céus.

Um dia, surgiu-lhe Indra dizendo-lhe: “Tua meditação e teus esforços me compadecem. Por isso, podes fazer-me um pedido”. Manu inclinou-se ante o deus e disse-lhe: “Conceda-me um único favor de conhecer os *Vedas*, sem que eu leia ou estude”. Indra riu muito diante do desejo de Manu e respondeu-lhe: “Eu sinto muito, Manu, mas não posso dar-te o que me pedes, pois, até hoje, ninguém chegou a conhecer os *Vedas* a fundo, sem antes haver lido ou estudado os mesmos”. Indra desapareceu. Manu, porém, era perseverante e, com muita paciência, recomeçou sua veneração ao Deus, oferecendo-lhe alimentos sólidos, flores, jejuando e alimentando-se somente de água. Após algum tempo, Indra reapareceu e disse-lhe: “Em verdade tua obstinação me surpreende. O que posso fazer por ti?” Manu tornou a expressar seu desejo, mas Indra novamente explicou ser impossível e desapareceu.

No dia seguinte, Manu dirigiu-se ao mar para banhar-se e viu um homem que jogava pedrinhas no vasto oceano. Manu observou-o e logo dirigiu-se a ele, perguntando-lhe: “Por que jogas estas pedras no mar?” O homem respondeu: “ Não gosto do mar e estou tentando enchê-lo de pedrinhas” Manu assustou-se: “Ao acaso se pode aterrar o mar jogando-lhe pedrinhas?” O homem respondeu: “ Sim, pois se existem aqueles que querem conhecer os *Vedas*, sem sequer os haver lido, eu também posso encher o mar com estas minúsculas pedrinhas”. Manu logo deu-se conta de quem era aquele homem. Tocou-lhe os pés, pois não era outro senão Indra. Manu estava inseguro de um dia chegar a conhecer os *Vedas*, então perguntou ao deus se havia algum modo especial para fazê-lo. Disse-lhe Indra: “Se

desejas conhecer a sabedoria dos Vedas, canta o mantra chamado Gayatri. Ele acabará com tua falta de vontade e dar-te a disposição e alegria para todos os fins. Pela sua prática sentirás entusiasmo e felicidade, despertará o teu intelecto e, em pouco tempo, serás outro homem. Graças à força assombrosa do Gayatri, tu dominarás todos os Vedas”. Indra desapareceu, deixando a Manu o ensinamento que ele precisava. (GOMES, s/a, p. 8)

Vê-se aqui um relato mítico, reafirmando a relevância que se dá ao Mantra *Gayatri*, como uma importante ferramenta de transformação da consciência do indivíduo para a obtenção da sabedoria e conhecimento.

Taimni sugere também que há uma relação intrínseca entre a *upasana* do *Gayatri* com a técnica do Yoga. E um aspirante só estaria capacitado a aprofundar e se beneficiar do poder da *Gayatri* Devi se estiver bem familiarizado com as técnicas do Yoga, e afirma ainda que o *Mantra-Yoga* é o ramo do Yoga que está mais envolvido com a *upasana* de *Gayatri*. Taimni resume *Mantra-Yoga* como sendo em essência a técnica do desenvolvimento espiritual por meio da prática da *japa*. É importante ressaltar que *japa*, enquanto prática repetitiva de orações ou sons que geram alguma mudança na cognição do indivíduo, não é uma prática exclusiva dos hindus, mas também de outras culturas e religiões.

Em todo o mundo um número muito grande de pessoas religiosas pratica *japa* e sua prática não está de modo algum confinada aos hindus como pensam algumas pessoas. Os católicos romanos têm o seu rosário e os muçulmanos possuem o seu *tasbeeh* (TAIMNI, 1991, p.37).

Devemos analisar aqui alguns princípios básicos da *Japa*: *Japa* é a repetição de um mantra escolhido com o objetivo de realizar certas mudanças em nossa mente, as quais, a longo prazo, resultam em um afluxo de forças e poderes dos planos superiores e em experiências de estados superiores de consciência. (TAIMNI, 1991, p.49).

Essa repetição é comumente utilizada nos diversos ramos do Yoga, normalmente utilizando-se de um *Japa mala*, uma espécie de rosário com 108 contas. Formas de entoação: Uma prática muito difundida na Índia é justamente a entoação do *Gayatri* mantra 108 vezes, durante o nascer do sol. O mantra pode ser entoado em voz alta, murmurado silenciosamente ou repetido mentalmente. A repetição silenciosa é mais efetiva que em voz alta, mas a repetição puramente

mental tem o efeito mais elevado e é *japa* no verdadeiro sentido da palavra (TAMNI, 1991, p.50).

Normalmente, o praticante inicia sua prática entoando o mantra em voz alta e, gradativamente, passa a um estado de concentração e entoação mental do mantra. Ou seja, há uma sutilização do seu uso. Quanto a sua atuação:

Os sons físicos pronunciados em voz alta agem no corpo físico, aqueles pronunciados silenciosamente atuam no duplo-etérico ou *pranamāyā kosha*. A repetição mental do mantra com seu significado naturalmente atua na mente (TAIMNI, 1991, p.50).

Taimni é enfático em afirmar a importância de uma prática de *japa* onde o aspirante esteja com todos os seus poderes direcionados para a meta a ser atingida e não simplesmente pela repetição mecânica desses mantras. O autor cita aqui alguns mestres que passaram anos praticando, como o caso de *Samartha Rama Das*, figura histórica que teria passado de 6 a 12 horas diárias de pé durante doze anos para conquistar a autorrealização através da *mantra-yoga*. Como outro exemplo, citamos o famoso músico-santo do sul da Índia, Tyagaraja, que se dedicou diariamente 16 horas à prática de *japa* por um período de vinte anos. E as próprias deidades hindus são por vezes representadas portando seus *Japa-malas*.



Figura 3 - *Maa Brahmacharini* - avatar yoguine da Deusa *Durga*, que sempre porta seu *Japa-Mala*.

Ainda segundo Taimni, há uma vasta literatura sobre estes usos do mantra (sobretudo do *Gaytri*), no contexto do Yoga. O Mantra Yoga, que geralmente é referido como *Mantra Shastra*, o autor os diferencia quanto aos objetivos na utilização dessa ciência afirmando:

Esta Mantra Shastra, ao contrário da Mantra Yoga, trata principalmente da aplicação desta ciência para a obtenção de objetivos pessoais e egoístas, enquanto que o Mantra Yoga tem apenas um objetivo – o desenvolvimento de nossa natureza espiritual (TAMNI, 1991, p.37).

Já para Feuerstein (2006), não há essa cisão. *Mantra Shastra* seria a teoria a respeito do próprio caminho ou ramo do Yoga chamado de Mantra Yoga. Utilizando o termo *mantra-shastra* como advindo da “ciência dos sons sagrados”.

Diversos são os fins, as formas de utilização e rituais referentes a esses sons. Em todas essas formas, vemos uma grande importância atribuída à questão energética do mantra. Um poder que lhe é atribuído é o de incidir sobre essa frequência da matéria, ou corpo composto de energia – *Prana*, que no Yoga chamamos de *Pranamāyākosha*, um dos invólucros do Ser, que é o corpo vibracional ou energético.

Outro importante princípio que temos que entender com relação à teoria da Mantra Yoga é que a vibração não apenas está na base da forma mas também é necessária para a manifestação da consciência (...). O fato fundamental que temos que compreender e manter em nossa mente é que vibração, forma e consciência estão relacionadas umas com as outras de maneira muito íntima, e afetando umas as outras de todos os modos. (TAMNI, 1991, p.43-44).

Assim, segundo este autor, o som é a forma através da qual a própria consciência primordial se manifesta. Esta consciência é conhecida na tradição do *sāmkhya* e do Yoga como *Budhi* – o primeiro estágio da manifestação da *Prakrti*, na forma de inteligência, luminosidade, ou sabedoria superior, a partir da qual outros elementos da natureza se manifestam, incluindo o próprio princípio do Ego⁷.

⁷ A este respeito, cf. GULIMIN. In: POSSEBON, 2010, p. 86-89.

1.3 O MAHA-MANTRA DE KRSNA

Um terceiro mantra que abordaremos na nossa pesquisa é o *maha*-mantra *Hare Krishna*, dada sua importância na contemporaneidade e sua difusão nos meios yóguicos ocidentais. Dentre seus principais praticantes, podemos citar os seguidores da bhakti-Yoga, da Sociedade Internacional da Consciência de Krishna, fundada em 1965 por Shrila Prabhupada (1896-1977), baseada na doutrina de *Caitanya*, sobre o qual vamos discorrer mais a diante.

No entanto, é importante lembrar que o movimento *Hare Krishna*, que se desenvolveu a partir da década de 60, é uma parte de uma vasta tradição *Vaishnava* que se desenvolveu na Índia desde a Idade Média, e cujo elemento central é a prática do chamado *Bhakti* Yoga.

Nesta tradição dos bhakti-Yoga, a devoção é o meio-supremo para a obtenção da libertação e sua principal escritura está no *Bhagavad Gita*. Lá está contido um diálogo onde *Krsna*, o próprio Deus pessoal, centro da adoração dos *bhakta*, ensina ao mestre de guerra *Arjuna* como deve proceder na mítica batalha de Kurukhetra. No seu livro “Yoga: Imortalidade e Liberdade” (2012), Eliade reafirma o aspecto devocional deste yoga e a grande importância do *Bhagavad Gita* neste contexto:

O discurso de Krsna equivale à validação, diante de todo o hinduísmo, de um Yoga devocional, isto é, da técnica yóguica considerada como um meio puramente indiano de obter a união mística com o Deus pessoal. Uma imensa parte da literatura yóguica moderna publicada na Índia, e em outros lugares, encontra sua justificação teórica na *Bhagavad Gita*. (ELIADE, 2010, p.141)

Na extensa tradição vaishnava, que se desenvolve na Índia desde a idade média, essa união mística devocional ocorre justamente através da entoação do chamado “*maha* mantra”. E o mantra *Hare Krsna* seria a principal prática dos *bhaktas*. Este mantra védico é formado pela combinação de três palavras: *Hare*, *Krsna* e *Rama*.

Hare Krishna Hare Krishna
Krishna Krishna Hare Hare
Hare Rama Hare Rama
Rama Rama Hare Hare.

Na tradição vaishnava, segundo Feuerstein (2006),

no caminho da devoção, a concentração é sempre a fixação da atenção na Pessoa divina. A meditação, por sua vez, é a contemplação da forma do senhor, tal como é representada na iconografia: o corpo azul ornado de flores, com quatro braços; uma expressão serena na face bondosa; uma buzina; um disco e uma maça nas mãos; uma coroa sobre a cabeça e a gema mágica chamada *Kaustubha* pendurada de um colar à volta do pescoço; e a marca *srhi-vatsa* (*a novilha bendita*) sobre o peito. A cor azul escura do corpo de Krsna resulta de ele ter bebido o leite envenenado da demônio fêmea Putana, que o amamentou. (FEUERSTEIN, 2006, p. 350)

Então, toda a tradição devocional vaishnava, que surge por volta do século XI, tem como centro a devoção e a concentração na pessoa de *Krsna*. Ele deve ser contemplado a todo o momento, através de diversas formas: seja meditando, seja entoando mantras sagrados em sua homenagem, pois, assim, o praticante pode fundir sua consciência individual na consciência do ser supremo.

Dentre esta tradição devocional, um de seus principais expoentes do século XV foi Sri Caitanya. Este mestre, que é considerado um dos cinco principais preceptores do vaishnavismo, pregou “o evangelho do amor de êxtase por toda Bengala”. Embora ele fosse considerado um famoso teórico do *Vedanta*, ele pouco trouxe de instruções escritas, deixando apenas oito versículos para instruir a devoção de seus seguidores, numa composição chamada de *Shiksha-Ashtaka*. (FEUERSTEIN, 2006, p. 362)

A devoção pregada por Caitania era de caráter profundamente *Bakta*, e sua principal prática era de mantras. A doutrina de Caitania inspirou o moderno movimento da consciência de *Krisna* (ISKON), que foi fundado nos EUA em 1965 por Swami Prabhupada (Bhakti Vedanta Swami). A grande característica deste movimento é justamente a entoação contínua do *Maha*-mantra, que a partir deles foi difundido pelo mundo todo. Assim, os *Bhakti* Yogues do movimento *Hare krsna* tiveram um papel importante na história da difusão da prática de mantras no mundo contemporâneo.

Por isso, vamos analisar algumas afirmações sobre este mantra, de renomados mestres desta linhagem. O *Maha*-mantra, afirmam os adeptos do

Movimento da Consciência de *Krsna*, seria o mais eficiente meio para realização espiritual para a nossa era atual (*Kali-yuga*).

Sobre seu aspecto transcendente, um importante Swami da tradição Vaishnava no Brasil, o Purushatraya Swami (2013), reconhecido como mestre em *Bhakti-Yoga*, afirma:

Tenho tido uma experiência diária com o maha-mantra nos últimos trinta anos. Nesta prática, usa-se um rosário com cento e oito contas, chamado *japa-mala*. Uma das experiências que podemos ter, depois de todos esses anos, é que o maha-mantra continua com o mesmo frescor que teve ao início de nossa prática. Ouso inclusive dizer que se torna cada vez mais deleitável e renovado. Essa é uma prova cabal de sua natureza transcendental. Qualquer som secular já teria chegado aos limites da saturação. (SWAMI, 2013, p.107)

Ainda sobre sua prática e simplicidade, Prabhupada (2011) afirma ser o mantra *Hare Krsna* um método muito simples de meditação, recomendado para essa era, o qual ele chama de “o grande canto de libertação.”

Não há necessidade, portanto, de compreender o idioma do mantra, nem há necessidade alguma de especulação mental, nem sequer um ajuste intelectual para se cantar esse maha-mantra. Ele é automático, proveniente da plataforma espiritual, e, sendo assim, qualquer pessoa pode participar na vibração deste som transcendental sem nenhuma qualificação anterior. (PRABHUPADA, 2011, p. 66)

Para a compreensão deste mantra, pode-se investir num trabalho mais apurado de tradução dos termos, porém, dentro desta perspectiva cultural, a compreensão intelectual do mantra não teria tanta ênfase. Porém, os próprios adeptos da tradição Hare Krsna também nos fornecem importantes indícios para compreendermos a origem deste mantra. Segundo Purushatraya Swami (2013):

Dentre os muitos mantras da tradição védica, um particularmente tem uma importância especial. Trata-se do Maha Mantra Hare Krsna (Maha Mantra significa grande mantra). Esse mantra védico está enunciado no Kali Santarana Upanishad, verso 6, do quinto capítulo. (PURUSHATRAYA, 2013, p. 107)

Sobre o Maha Mantra, afirma ainda Prabhupada (2011):

(...) e o processo transcendental para reviver esta consciência pura e original. Cantando esta vibração transcendental, podemos eliminar todos os receios que há dentro de nossos corações. O princípio básico de todos esses receios é a consciência falsa de que eu sou o senhor de tudo que observo. (PRABHUPADA, 2011, p.65)

Ou seja, o objetivo desta prática é a fusão da consciência do praticante na própria consciência de *Krsna*, que é evocado em suas qualidades através de cada palavra do mantra. A palavra *Hara* é a forma de se dirigir à energia do Senhor, e as palavras *Krsna* e *Rama* são formas de se dirigir ao próprio Senhor. Tanto *Krsna* quanto *Rama* querem dizer o prazer supremo, e *Hara* é a suprema energia de prazer do senhor, transformada em *Hare* no vocativo. A suprema energia de prazer do senhor ajuda-nos a alcançar o senhor.

Assim, aquele que canta o mantra vivencia o prazer supremo da existência da própria entidade. Não por acaso, um dos epítetos de *Krsna* é o “Todo desejado”. Na mitologia hindu, isso fica evidente nas representações em que *Krsna* aparece cercado das belas *gopis*, e chamado de “o ladrão de corações”, aquele que rouba o coração das jovens vaqueiras (*gopis*)



Figura 4 - Representação de *Krsna* entre as *Gopis*.

Krsna é considerado um avatar (Encarnação Divina) e é tido como a oitava encarnação de *Vishnu* que, por sua vez, seria o poder supremo da preservação do universo. Dentro da trindade Hindu (*Brahma*, *Vishnu* e *Śiva*), ele está relacionado com a preservação do universo e da lei-cósmica, o mantenedor, aquele que mantém a ordem.

Krsna teve seus ensinamentos immortalizados no *Bhagavad Gita*, o livro que é um capítulo do épico indiano *Mahabharata* (Grande Índia). O *Bhagavad Gita* conta a história da famosa batalha de *Kurukshetra*, onde *Krsna* é o narrador, e das instruções e ensinamentos a *Arjuna* - o arqueiro supremo, sobre o *Nishkam Karma*

(ação sem apego) e *Karma* Yoga. (“ação corretiva”). Uma importante forma de integrar toda a espiritualidade indiana onde o Yoga é apresentado como um caminho de união do Ser individual com o Ser supremo.

A Bhagavad Gita, uma das primeiras inserções significativas no VI livro do Mahabharata, confere ao Yoga importância de primeira ordem... Devemos ter em mente que a Gita representa não apenas o marco da espiritualidade indiana ecumênica, mas também uma vasta tentativa de síntese, em que “todos os caminhos” da salvação são validados e integrados na devoção vixnuíta. (ELIADE, 2012, p.135)

Conhecido como o Deus do amor, *Krsna* é sempre lembrado e adorado por todos aqueles que buscam pelo amor. Sua encarnação na forma humana teve como principal objetivo redimir o declínio do *Dharma* (ordem cósmica). Em suas imagens, é visto tocando uma flauta, o “todo atraente”, aquele que encanta todos os seres. Também é chamado de *Govinda* ou *Gopala* (protetor das vacas).

Assim, a entoação do mantra *Hare Krsna* é um elemento central da tradição *Bhakta-Vaishnava*, mas, como nos lembra Feuerstein (2006), não só os *Vaishnava* fazem uso deste mantra na forma do *Bhakti* Yoga:

A fim de melhor compreender a evolução do caminho bháktico, precisamos saber que a doutrina monoteísta se desenvolveu em grande medida, embora não exclusivamente, dentro de duas esferas religiosas, a do vaishnavismo (derivada, sobretudo, da tradição Pancharatra) e a do Shaivismo. Os vaishnavas adoram o Deus Vishnuh – muitas vezes sobre a forma de Krsna, sua encarnação – e os Shaivas dedicam a vida ao senhor Śiva. Tanto Vishnu quanto Siva são mencionados no Ríg Veda, e nos é lícito supor que tiveram adoradores desde os tempos mais antigos. (FEUERSTEIN, 2006, p. 78)

Assim, o Bhakti Yoga é uma forma de adoração à deidade que está presente tanto na tradição Vaishnava quanto na tradição Shivaista, embora aqui tenhamos analisado apenas o mantra da tradição Vaishnava.

Neste capítulo inicial buscamos analisar três mantras importantes na tradição do Yoga. Trata-se de uma seleção entre um amplo espectro de mantras que são relevantes no âmbito desta tradição, e cuja importância foi constatada também em nossa pesquisa de campo, conforme iremos analisar nos capítulos posteriores.

CAPÍTULO 2 - YOGA INTEGRAL: CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE CAMPO

Antes de analisarmos o Yoga integral e as concepções centrais que regem esta linha de Yoga, é importante fazermos algumas breves considerações sobre a própria biografia de seu criador, Sri Aurobindo, e de outra personagem importante neste contexto: Mirra Alfassa, conhecida como “A Mãe”. Tais considerações nos auxiliam na compreensão do próprio sistema do Yoga Integral.

2.1 SRI AUROBINDO - BREVE HISTÓRICO BIOGRÁFICO

Nascido em Calcutá - Índia, a 15 de agosto de 1872, Aurobindo Ghosh, mais tarde conhecido como Sri Aurobindo, trouxe uma nova perspectiva para o Yoga, o Purna Yoga ou Yoga Integral. O Yoga que uniu a vida espiritual à vida material.

Aos sete anos foi enviado para estudar na Inglaterra, onde foi por seu pai mantido com instruções restritas para que não tivesse contato com a cultura indiana. Tornou-se um aplicado aluno na St. Paul`s School, em Londres e no King`s College, em Cambridge. Em notável carreira acadêmica estudou literatura inglesa, literatura francesa, aprendeu e dominou o grego e o latim. Era fluente em outras línguas, como o alemão, o italiano e o espanhol podendo ler facilmente Goethe, Dante e Calderón em seus originais. Adquiriu um profundo conhecimento da cultura europeia antiga, medieval e moderna. Estudando na Inglaterra por 14 anos.

Só retornou a Índia em 1893, então com vinte e um anos de idade. Viveu na Índia, treze anos em Baroda como administrador e professor, onde fez um estudo profundo sobre a cultura indiana e sua herança espiritual, estudou sânscrito e várias línguas indianas modernas. Foram anos de intensa produção literária e dedicou grande parte do seu tempo em atividade política em silêncio.

Sri Aurobindo deixou uma vasta produção literária, que dentre as principais obras temos: o poema épico Savitri (1950), The Divine Life - A Vida Divina (1940), The Human Cycle - O Ciclo Humano (1949), The Synthesis of Yoga - A Síntese do Yoga (1948), The Ideal of Human Unity - O ideal da unidade humana (1949), Essays on the Gita - Ensaios sobre o Gita (1928).

Em 1906, Sri Aurobindo foi a Bengala e tomou a frente do movimento revolucionário para libertação da Índia. Seu jornal, *Bande Mataram* teve importante

repercussão no movimento nacionalista. Tornando-se a voz mais poderosa do movimento. Foi preso pelo Governo Inglês em 1908 por duas acusações relacionadas ao seu jornal e mantido em cárcere por um ano, sendo absolvido em 1909. Esse tempo na cadeia foi vivido por ele em práticas de Yoga, sendo uma fase de intensas experiências espirituais que mudaram assim o curso de sua vida futura. Ao sair da cadeia participou ainda do movimento revolucionário até 1910. Teve uma rápida, mas importante atuação política na época, que findou quando da sua mudança para Pondicherry, em resposta a um chamado espiritual maior em 1910. Sua vida espiritual sempre coexistiu com suas outras atividades. Foi um Líder nacional revolucionário, poeta, um pensador social, um filósofo espiritual e um visionário humanista e educador. Mas, ficou mais conhecido, como um mestre de Yoga, um *Rish*.⁸

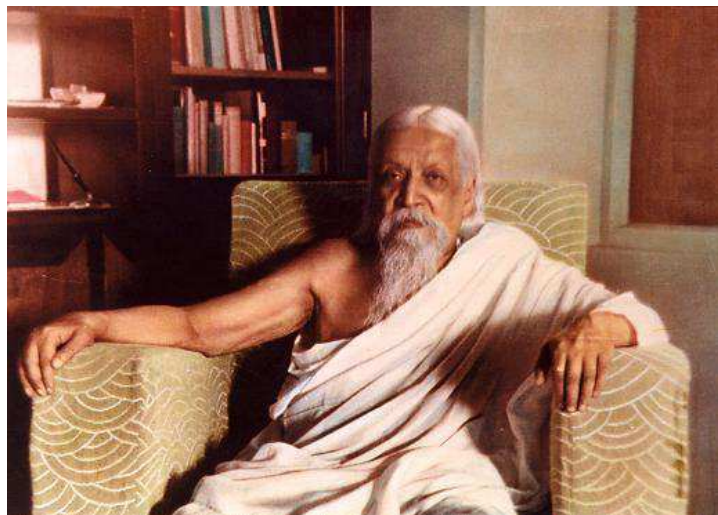


Figura 5 - Sri Aurobindo.

Foi grande estudioso de tradições espirituais passadas, mas foi em busca de uma realização mais completa, em que pudesse integrar e unir dois polos, Espírito e matéria. Buscando realizar na terra a vida divina. Dito por seus discípulos (Sri Aurobindo Ashram) como um homem de vida austera, o que lhe serviu de base para o seu processo pessoal de divinização da vida na terra, seu trabalho no Yoga, um processo de evolução do homem na vida material. Estágio esse além da mente, ao qual ele chamou de Supra-mental, que deu origem ao Yoga Integral, ou Purna Yoga.

⁸ *Rishi* são grandes sábios, que sistematizaram o Veda e os Upanishads.

Faleceu em 1950, aos 78 anos, mas manteve vivo seus ensinamentos chamando a atenção de várias partes do mundo. Seu legado ficou conhecido como o Yoga Integral de Sri Aurobindo.

Para Feurstein, o Yoga Integral foi um importante processo de readaptação do Yoga às condições e necessidades atuais. “O Yoga Integral é a mais destacada tentativa de reformular o Yoga de acordo com as necessidades e capacidades do homem moderno”.

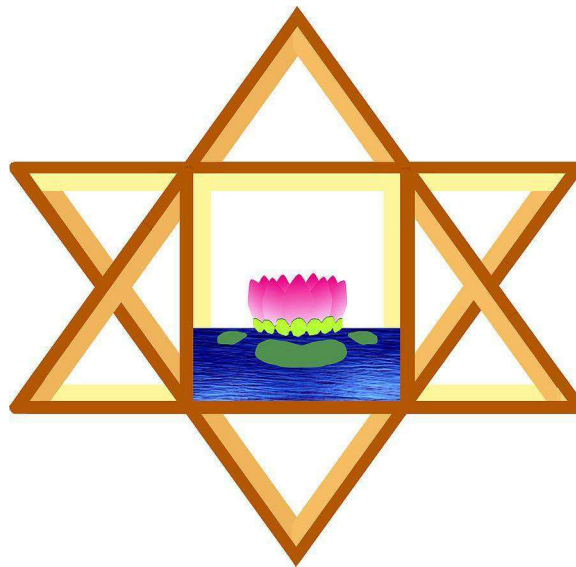


Figura 6 – Símbolo do Yoga.

Seu símbolo, símbolo do seu Yoga, foi descrito pela Mãe como: O triângulo descendente representa Sat-Chit-Ananda (ou a bem aventurança suprema). O triângulo ascendente representa a resposta aspirante da matéria sob a forma de vida, luz e amor. A junção de ambos - no quadrado central - é a perfeita manifestação, tendo em seu centro o Avatar do Supremo - o lótus. A água - dentro do quadrado - representa a multiplicidade, a criação.

2.2 A MÃE

Outra pessoa fundamental para história do Yoga Integral e que colabora com Sri Aurobindo para a realização deste Yoga foi Mirra Alfassa, que, mais tarde, viria a ser conhecida como “A Mãe”. Nascida em Paris em 21 de fevereiro de 1878, foi, na

França, estudante da Academie Julian e logo reconhecida como uma importante artista da época.



Figura 7 - A Mãe (Mirra Alfassa).

Ainda muito jovem, por volta dos seus 12 anos, teve algumas experiências espirituais que ela percebia como uma revelação, não só da existência do Divino, mas da possibilidade do homem unir-se a ele e realizá-lo, consagrando toda a sua existência.

De acordo com discípulos do Sri Aurobindo Ashran, um folheto impresso dizia: “Consciente de sua missão espiritual na terra, mesmo quando criança, a Mãe foi guiada nas suas visões por um Ser que ela chamava de Krishna.” Em 1914, logo que ela chegou em Pondicherry, encontrou Sri Aurobindo a quem ela reconheceu como o Krishna de suas “visões”, e sobre esse encontro escreveu em seu diário:

Não importa que milhares de seres estejam mergulhados na mais profunda ignorância. Aquele a quem vimos está na terra. Sua presença é suficiente para provar que a escuridão será transformada em luz, quando Teu reino for na verdade estabelecido sobre a terra. (MIRRA ALFASSA)⁹

Ainda sobre esse primeiro encontro com a Mãe, Aurobindo falou:

Foi a primeira vez que soube que a entrega perfeita até à última célula física era humanamente possível, foi quando a Mãe veio e se prostrou que vi essa entrega perfeita em ação. (AUROBINDO)⁹

A partir daí, a Mãe o reconhece como seu Guru e fica, por quase um ano, realizando a disciplina de seu mestre e trabalhando a seu lado. Passados 11 meses,

ela retornou para a França por um ano, depois viveu no Japão por quase quatro anos. Em 1920, no mês de abril, a Mãe retorna a Pondicherry para dar continuidade à sua obra junto a Aurobindo. Após sua vinda, outros discípulos começaram a chegar e começou a se formar um Ashran, que mais tarde vem ser reconhecido como o Sri Aurobindo Ashran.⁹

Em 1926, quando Aurobindo entrou em reclusão, ela tomou conta de seus discípulos e foi a principal responsável pelo desenvolvimento do Ashram. Após a morte de Sri Aurobindo, seguiu com seu trabalho, sempre fiel aos ensinamentos de seu Guru. Em 1952, ela fundou o Sri Aurobindo International Centre of Education, um centro de experimentação para a educação nos moldes do Yoga Integral. Em 1968, fundou a cidade internacional de Auroville, dedicada ao ideal de uma unidade humana viva. A Mãe deixou seu corpo em 17 de novembro de 1973.



Figura 8 – Mandala da Mãe.

Sua Mandala, ou seu símbolo, é representado pelas próprias palavras da Mãe como: O círculo central representa a Consciência Divina. As quatro pétalas representam os quatro poderes da mãe. (Mahasaraswati, Mahakali, Mahalakshmi e Maheswari). As doze pétalas representam os doze poderes da Mãe manifestados

pelo seu trabalho (Receptividade, Aspiração, Perseverança, Gratidão, Humildade, Sinceridade, Paz, Equanimidade, Generosidade, Bondade, Coragem e Progresso)⁹

2.3 YOGA INTEGRAL - FILOSOFIA E CONCEPÇÕES

Muitos são os sistemas de Yoga na Índia, uns tradicionais, e outros modernos. O Yoga de Sri Aurobindo, Purna Yoga ou mesmo Yoga Integral, é caracterizado por uma possibilidade de síntese moderna de pontos essenciais de alguns desses ramos da tradição do Yoga, como o Bhakti-Yoga, Karma-Yoga, Jnana-Yoga. Seu sadhana visa um desenvolvimento harmonioso e pleno das potencialidades do Ser, através de uma ação altruísta, a serviço de valores sócio-culturais. É uma nova perspectiva, um rompimento com o paradigma de uma oposição entre o espiritual e o mundano. Prima-se por um burilamento da condição humana, baseado em preceitos éticos universais. Esse aprimoramento ético capacitaria o logue integral a uma vida ativa, de ação para uma transformação social efetiva. Esse é um ponto importante nesse Yoga.

Enquanto para grande parte da tradição védica, o processo de evolução espiritual era caracterizado pela autorrealização, e estava necessariamente ligado a uma desidentificação com o mundo manifesto e com toda vida material, tida como ilusória.

Para o Yoga Integral, o processo do “despertar” estaria intimamente relacionado à divinização ou consagração de todas as ações no mundo material. Sobre essa característica fundamental para esse Yoga, Chaudhuri (1972, p. 39), um dos principais estudiosos desta tradição afirma: Para o Yoga Integral, há um objetivo maior do esforço humano, além da autorrealização, que é consumir a automanifestação, que significa aplicar a luz e a energia da autoconsciência mais profunda na esfera da vida cotidiana e social. Para uma evolutiva realização do processo criativo oculto é necessário, para um pleno esforço humano, não libertar-se apenas da natureza inconsciente, mas libertar a própria natureza.

Esse rompimento com o ideal ascético fica evidenciado pela necessidade de uma integração e um desenvolvimento equilibrado de todos os aspectos do ser, inclusive físicos. Seria um aprimoramento, no sentido de integrar todas as

⁹ Informações obtidas no site. Disponível em: <http://www.sriarobindoashram.org>. Acesso em 10 jun. 2014.

características inerentes à condição humana, e não mais uma negação dessa condição. O Yoga Integral percebe o indivíduo como um centro dinâmico de aprimoramento, para o florescer do que se considera neste yoga um espírito universal. Uma consciência que está além da mente, uma realidade transcendente que Sri Aurobindo chamou de “Supermente”.

Sobre o significado do termo Supermente, Feuerstein (2006) escreveu:

a supermente é o motor da evolução, que ele compreende como um progresso contínuo rumo a formas de consciência cada vez mais elevadas. Como tal, é ela também a responsável pela manifestação do cérebro e da mente humanos. A mente tem a tendência inata de ir além de si mesma e captar o Todo maior. No entanto, como nos comprovam com a máxima evidência as histórias da filosofia e da ciência, ela está destinada a não alcançar esse seu objetivo. Tudo o que a mente humana pode fazer é admitir as suas limitações intrínsecas e abrir-se para a realidade superior que é a Supermente. Mas essa abertura sempre reflete subjetivamente como a morte da personalidade egoica limitada pela mente - e essa experiência é terrível para o indivíduo espiritualmente imaturo. (FEUERSTEIN, 2006, p.97 apud AUROBINDO, 1977).

A supermente ou supramente, então, é vista como um princípio transcendente à condição humana comum. Essa transcendência estaria limitada por ditames da mente humana, quando esta reflete apenas a personalidade egoica do indivíduo. Estaria além também da própria percepção mental de um Todo abrangente, mas seria uma consciência que atua na própria desidentificação dessa personalidade egoica. Essa “morte do ego”, então, seria uma etapa no desenvolvimento da supermente, o que abriria espaço para uma atuação deste estado superior na vida no mundo manifesto, na sua própria natureza, não uma força para a negação da condição material, como pretendem alguns caminhos que se baseiam no ascetismo. Ainda sobre esse ideal ascético, Chaudhuri escreveu:

Mas o Yoga Integral afirma que esse exaltado tipo de visão mística que repudia a matéria é apenas uma fase transitória da busca espiritual, e não decerto a sua meta. Depois de se assimilar inteiramente o conteúdo dessa realização transcendental, é removida a barreira entre o físico e o espiritual. O místico então obtém o que se pode chamar “união vígil com o Divino”. Faz descer a sabedoria e a alegria da transcendência diretamente ao âmago de sua consciência física. Conserva a paz interior e o abençoado equilíbrio, mesmo quando se dedica às atividades normais da vida, tais como comer, andar, conversar etc. A serenidade do *samadhi* torna-se sua segunda natureza. Desmorona-se a barreira entre o natural e o

sobrenatural. Através da união integral com o Ser, revela-se-lhe o natural-material como uma expressão diversificada da criatividade do Ser. (CHAUDHURI, 1972, p. 42)

Assim, para o Yoga Integral, o auto-despertar seria uma importante etapa do desenvolvimento, mas não o fim último. Sua meta, ou realização para ser completa ou integral, deveria estar associada a um despertar coletivo, ou um empenho constante para o progresso e evolução da humanidade, onde o logue atua de forma ativa como um instrumento do Divino, mesmo frente aos inúmeros entraves que abalam a condição humana, devendo aí, manter-se equilibrado e em paz.

Para Chaudhuri, (1972, p.58), neste Yoga, juntamente com o desenvolvimento evolutivo do indivíduo, sua atuação no mundo é de suma importância. Para as etapas interiores de concentração e meditação, são imprescindíveis suas atuações sociais, culturais e humanitárias, realizadas como uma entrega ao Divino.

E qual é o método para conquistar esse Yoga?

Uma das indagações mais comuns entre aqueles que buscam por informações acerca do Yoga Integral, é: Qual método seguir pra realizar esse Yoga? Que tipo de disciplina prática nos prepararia para essa realização?

Vejamos o que nos diz o próprio Sri Aurobindo sobre o método:

Neste Yoga não há método, exceto o concentrar-se, de preferência no coração, para invocar a presença e o poder da Mãe a fim de que se aposse do nosso ser e, mediante a ação de sua força, transforme nossa consciência. (MERLO, 2010, p. 59 apud AUROBINDO, 1972)

Podemos perceber com essa afirmação que todas as formas de disciplina, austeridade e aprimoramento do ser, que são práticas fundamentais na tradição do Yoga, para Aurobindo, elas são colocadas em segundo plano, ou sequer são necessárias para o seu desenvolvimento. Para ele, a concentração resoluta, principalmente no coração, que é visto por muitos místicos como a sede da Alma, do Ser transcendente, é a mais importante prática a ser realizada, produzindo, assim,

como efeito esperado, uma transformação da consciência pelo poder advindo da Mãe (Shakti), ou Poder da manifestação.

Em um nível prático, podemos constatar que o Yoga Integral se caracteriza pela aspiração do sadhaka, que seria um crescente interesse pelo desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, um exercício de total entrega ao divino, para fazer “descer as graças” ou méritos de suas ações corretivas, assim, promovendo sua transformação.

Estes são pontos essenciais nesse Yoga, Aspiração e Graça. Nele, nenhuma técnica, método ou ritual são realmente necessários, pois a grande transformação deverá ocorrer por uma ação direta do Poder divino, em resposta a uma perfeita aspiração do praticante. Poder esse ao qual Sri Aurobindo identificava com a Mãe. A Mãe, Mirra Alfassa, sua companheira espiritual e principal discípula, era tida por ele como a manifestação do divino, o poder da Shakti. A graça descendo sobre a terra.

Feurestein (2006, p.98) nos diz: Aurobindo considerava a Mãe não uma forma inanimada ou uma deidade sobrenatural, mas como a encarnação e força da graça do divino na própria cônjuge, que esteve ao seu lado por toda a vida. Percebia-a como o poder do divino encarnado em uma forma física, e a si próprio como a consciência do divino.

Mas qual seria a melhor prática ou sadhana do Yoga Integral?

Sobre este questionamento, Vicente Merlo (2010, p.58), (doutor em Filosofia que viveu por dois anos no ashram de Sri Aurobindo-Pondicherry) afirma que a melhor forma de entrar em contato com a espiritualidade, que caracteriza e se desenvolve de forma a realizar esse poder espiritual, é através da leitura das obras de Sri Aurobindo e da “Mãe”. Porém, a maneira mais intensa e direta, que nos possibilita aprofundar nossa consciência e interiorização sobre essa realização indescritível nas formas de consciência e poder, seria o lugar de sua materialização, onde viveram na terra, referindo-se ao local onde lentamente foi se formando o seu ashram, consagrado pela presença do mestre.

Daí, a fundamental importância para esse autor, da visita com experiências práticas, nos locais onde hoje está situado o Sri Aurobindo Ashram, onde viveram e ensinaram os mestres do Purna Yoga.

Outra característica importante para o “sadhaka Integral” é o respeito às individualidades e potencialidades de cada aspirante para a evolução do Ser Psíquico, esse, por sua vez, foi um termo que cunhado para descrever o processo

evolutivo da alma individual. Seu desenvolvimento estaria diretamente ligado ao crescimento e evolução dos corpos: físico, mental, emocional e sutil do ser. Segundo escritos do próprio Sri Aurobindo, citados no livro “O caminho Ensolarado”, temos uma definição do Ser Psíquico como:

A alma que evolui; a alma do indivíduo evoluindo na manifestação; a individualidade da alma. O termo “alma” é usado às vezes como sinônimo de “ser psíquico”, mas, estritamente considerado, existe uma distinção. A alma é a essência divina no indivíduo, o ser psíquico é a personalidade da alma que se desenvolve, manifestado pela alma, como seu representante na evolução. Este ser psíquico desenvolve-se e cresce por meio de suas experiências na manifestação; à medida que se desenvolve, ele auxilia de forma crescente a evolução e o crescimento das partes mentais, vitais e físicas do ser. (MÃE apud AUROBINDO; 2012, p. 177)

Diferente dos demais sadhanas, de outros caminhos do Yoga, que em seu método estão inclusas fórmulas ou práticas bem definidas, neste Yoga, pretende-se um refinamento da natureza de cada praticante, com diversas possibilidades de práticas, respeitando, assim, a individualidade de cada ser, tendo em vista um desenvolvimento mais harmonioso e equilibrado de sua personalidade. Vejamos o que diz Haridas Chaudhuri sobre esse desenvolvimento comparado das formas de autoaperfeiçoamento:

Há indivíduos que desenvolvem os músculos à custa do cérebro. Outros exercitam demasiado o cérebro em detrimento do corpo. Outros ainda praticam deliberada automortificação e depreciam tanto o lado físico como o intelectual em sua busca para encontrar a alma. Há também aqueles que se engolfam de tal modo no autoaperfeiçoamento que se esquecem dos valores sociais e humanísticos da vida. Por outro lado, encontramos indivíduos tão emaranhados nas atividades sociais que suprimem os conflitos emocionais que minam sua paz pessoal, assim como sua eficiência social. Há, igualmente, alguns que seguem a voz de Deus e abandonam o mundo. Por outra parte, existem aqueles que se embaraçam nos negócios mundanos sem ter a menor ideia do eterno no homem. O Yoga Integral apresenta o conceito do pleno florescimento do indivíduo total como um centro dinâmico do espírito universal - o poder do Ser. Dá ênfase à necessidade de uma integração harmoniosa dos aspectos físico, emocional, intelectual, ético e religioso da personalidade. (CHAUDHURI, 1972, p.35)

Não encontramos na literatura nenhuma referência à prática de mantras, com exceção de uma afirmação do próprio Aurobindo, em uma compilação de suas

escritas e escrituras da mãe chamada de “Sri Aurobindo and the Mother on prayer and mantra”, na qual ele afirma:

“Como regra, o único mantra utilizado neste sadhana é o mantra da Mãe, ou aquele que contem o meu nome”. (AUROBINDO; 1971, p.26, tradução nossa)

Feurstein em sua obra: A Tradição do Yoga reafirma a posição de que não há neste Yoga nenhum mantra específico dizendo: “O Yoga Integral não prescreve nenhuma técnica, uma vez que a transformação interna é realizada pelo próprio Poder divino. Não há rituais, mantras, posturas ou exercícios de respiração obrigatórios.” (FEURESTEIN, 2006, p.98).

Então qual seria a aplicação dos mantras dentro deste Yoga? Qual sua relevância no sadhana Integral?

Podemos esclarecer esse questionamento pelas próprias palavras de Aurobindo:

Neste Yoga não há um mantra específico, nem há ênfase na prática de mantras, embora os sadhakas possam utilizar algum mantra, se este lhe ajuda em quanto tempo for necessário para ajudá-lo. A ênfase é de preferência na aspiração da consciência e na concentração da mente, do coração, da vontade e de todo o ser. Se o mantra encontrado nos ajuda para esse fim, nós o utilizamos. (AUROBINDO, 1971, p.26, tradução nossa)

Nessa passagem, Aurobindo reafirma a importância maior, da aspiração do *sadhaka*, bem como de sua concentração mental no coração. Deixando o mantra, em segundo plano, mas não negando o seu poder de atuação no autoaperfeiçoamento de alguns sadhakas. Sobre essa qualidade, a aspiração que seria a principal responsável pela evolução nesse caminho, Aurobindo acrescenta:

A união, sendo o objetivo do Yoga, seu começo deve ser sempre uma busca do Divino, um anseio por alguma espécie de toque, de proximidade ou posse. Quando isto chega para nós, a adoração sempre se torna a princípio uma veneração interior; começamos a fazer de nós um templo do Divino, nossos pensamentos e sentimentos, uma constante prece de aspiração e busca, nossa vida toda um serviço e culto externos. (AUROBINDO, 1971, p.7)

Então o Mantra seria uma “ferramenta” da qual alguns discípulos poderiam se utilizar, para desenvolverem essa aspiração, essa entrega perfeita para a consumação do Purna Yoga.

De forma prática, em nossa peregrinação pelos principais *Ashrams* do Purna Yoga na Índia, percebemos que a maioria dos discípulos de Sri Aurobindo, mesmo reconhecendo que não havia uma indicação formal para tal prática, se utiliza dos mantras como um meio importante para o seu desenvolvimento e evolução espiritual. Estivemos com discípulos que afirmam ter recebido direto da “Mãe”, seu mantra pessoal, e encontramos professores do *Ashram* que tinham uma prática constante, dita como 24 horas por dia, recitando mantras relacionados à *Shakti*.¹⁰

Dentre os principais mantras que nos foram citados e traduzidos por professores e mestres/ashramitas do Sri Aurobindo Ashram, bem como de suas filiais, estão:

Sri Aurobindo Ashram:

MA MA MA MA
(Mãe)

SRI AUROBINDO SHARANAM MAMA
(Sri Aurobindo é meu refúgio.)

OM NAMO BHAGAVATE SRIARAVINDAYA
(Saudações ao senhor Sri Aurobindo)

OM SATYAM JNANAM JYOTIRARAVINDA
(Om Sri Aurobindo, tu és a verdade o conhecimento e a luz)

OM ANANDA MAYI CHAITANYAMAYI SATYAMAYI PARAME
(Om! Oh mãe da luz, Oh mãe da consciência, Oh mãe da verdade, Oh Supremo!)

OM TAT SAVITURVARAM ROOPAM
(Meditemos sobre a forma mais auspiciosa do sol)

JYOTIH PARASYA DHEEMAH
(A luz do supremo)

YANNAH SATYENA DEEPAYET
(que nos ilumine com a verdade.)

¹⁰ Shakti é o termo utilizado para descrever o poder que opera no Cosmos, do menor átomo à maior galáxia. Qualquer espécie de força, poder ou influência tem sua gênese na shakti, e a shakti é feminino por natureza. (ASHLEY-FARRAND; 2005, p.21)

Sri Aurobindo Ashram Delhi Branch:

JAI SHRI MA
Salve a mãe divina

SRI AUROBINDO SHARANAM MAMA
Sri Aurobindo é meu refúgio.

OM NAMO NARAYANA
Eu Saúdo Narayana.

Sri Aurobindo Gayatri:

OM TAT SAVITURVARAM ROOPAM
Meditemos sobre a forma mais auspiciosa do sol

JYOTIH PARASYA DHEEMAHI
a luz do supremo

YANNAH SATYENA DEEPAYET
Que nos ilumine com a verdade .

Aurovalley Ashram:

MA MA MA.
Mãe Mãe.....

OM MA MIRA MA

OM NAMO NARAYANA

OM MA MIRA MA, MAHASHAKTI NAMO NAMAH.

SHRI MA, JAI MA, JAI JAI MA.

OM ANANDA MAYI CHAITANYAMAYI SATYAMAYI PARAME
Om! Oh mãe da luz, Oh mãe da consciência, Oh mãe da verdade,
Oh Supremo!

Sri Aurobindo Gayatri:

OM TAT SAVITURVARAM ROOPAM

Meditemos sobre a forma mais auspiciosa do sol

JYOTIH PARASYA DHEEMAHI
a luz do supremo

YANNAH SATYENA DEEPAYET
Que nos ilumine com a verdade

Dentre os mantras listados acima, os mantras, que podemos entender como os que mais se destacam nesta tradição, são o mantra de Reverência à Mãe (Ma Ma Ma) e o Gayatri de Sri Aurobindo, que ganha uma forma própria na interpretação do mestre.

Sobre este primeiro mantra, amplamente praticado no ashram (conforme pesquisa de campo que apresentaremos no terceiro capítulo), temos uma importante descrição a respeito de sua origem:

Foi durante aqueles dias no nosso Ashram, que a mãe estava dando bênçãos diariamente nas manhãs para todos os ashramitas e visitantes presentes. O número era de cerca de mil pessoas, e todos costumavam a ir num encontro e receberem suas bênçãos individualmente. A função toda levava cerca de uma hora. Um dia, uma jovem garota que havia tomado o Japa com o nome da mãe, como parte do seu Sadhana, encontrou o mantra “Mãe, Mãe, Mãe... repetindo-se espontaneamente no seu coração, enquanto ela estava aguardando este encontro. Havia pelo menos vinte pessoas a sua frente. Imagine a sua surpresa quando ela encontrou a mãe olhando em seus olhos, apesar da distância e de todos os que estavam a sua frente! O chamado do mantra tinha obviamente atingido a Mãe, e ela instantaneamente respondeu até fisicamente (...) Aqui estava a confirmação, se alguém precisasse da efetividade do Nama Japa, o Japa do nome sagrado (da mãe). (PANDIT, 1959, p.2)

Assim, o mantra do nome sagrado da mãe emerge na tradição do yoga integral, a partir do coração de uma praticante e de sua conexão com a mãe divina em sua forma humana de Mirra Alfasa.

Já a respeito do Gayatri de Sri Aurobindo, temos também considerações a respeito de sua importância e significado, feitas pelo próprio Sri Aurobindo,

esse esplendor supremo de Savitri deve nos iluminar, nos irradiar com a verdade, com um constante estado de ser inseparável do supremo Sat e de sua luz. A atenção para a iluminação da verdade aqui na jornada da nossa vida através da meditação no esplendor, na excelente forma do supremo criador (Savitri) é assim possível. (AUROBINDO apud PANDIT, 1959, p. 34)

Essa descrição nos mostra o sentido de Savitri como criador supremo e, ao mesmo tempo, como luz da verdade, que ilumina o praticante do mantra.

Como já foi dito anteriormente, mesmo a prática de mantras não sendo essencial para este Yoga, percebemos, em nossa pesquisa de campo, que os mantras são bastante difundidos pelos professores do Sri Aurobindo Ashram. Traremos aqui alguns comentários importantes, aos quais Sri Aurobindo teceu sobre o tema, abordando conceitos para ele relacionados aos mantras como: Aspiração; Entrega; Ética e Desenvolvimento.

A prece e a meditação têm uma grande importância no Yoga. Mas a prece deve brotar do coração no auge da emoção ou aspiração, o Japa ou meditação chega num impulso vivo levando a alegria ou a luz da coisa em si. Praticados mecânica e meramente como um dever que tem de ser feito (dever severo e inflexível), deve tender para a falta de interesse e frieza e assim tornam-se ineficientes. (AUROBINDO, 1971, p.7/8)

Neste trecho, Aurobindo reafirma a importância de uma atitude em consonância com a aspiração referindo-se às preces, e que estas não estejam brotando apenas de uma disciplina formal, despida de aspiração, mas sim de um sentimento profundo, vindo do “coração” do praticante.

Ao analisar mais a fundo a prática de Japa e seu desenvolvimento, Aurobindo sugere três caminhos vindos de duas condições para seu sucesso:

O Japa só tem sucesso através de duas condições: Se ele é repetido com a percepção do seu significado, de algo que habita dentro da mente sobre a natureza, poder, beleza, expresso pelo atração à divindade e trazê-la para dentro da consciência – este é o caminho mental. Ou se ele vem do coração ou toca com certa percepção o fazendo sentir como uma devoção viva – este é o caminho da emoção. Também a mente ou o vital deve dar o apoio e o sustento. Mas se isto faz a mente árida, e o vital impaciente, deve estar havendo uma falta deste apoio ou sustentação. Isto é, de fato, o terceiro caminho, a confiança no poder do mantra, ou a palavra em si; mas em seguida, a pessoa tem que continuar até que este poder seja impresso suficientemente pela vibração no interior do ser para torná-la em um determinado momento subitamente aberta para a Presença ou o Toque. (AUROBINDO, 1971, p. 23).

Ainda sobre essa consciência, no uso dos mantras e agora exemplificada pelo mantra Om, Aurobindo afirma: “Se o Om é corretamente utilizado (não mecanicamente), seu poder é muito bom para ajudar na abertura para cima e para o exterior (consciência cósmica) também como na descida.” (AUROBINDO, 1971, p.26)

Há outros comentários de Sri Aurobindo a respeito do tema, que podemos destacar e que versam sobre o Mantra Om. Como já foi dito no primeiro capítulo, este é o mais importante mantra védico e o mais amplamente difundido e aceito mantra em sânscrito. Sobre este mantra Aurobindo comenta:

Om é o mantra, o expressivo som-símbolo da consciência de brahmam em seus quatro domínios. De Turia até o externo, ou plano material. A função do mantra é criar vibrações na consciência interior que irão preparar para a realização daquilo que o mantra simboliza e certamente é suposto que ele nos leva para dentro do Ser. O mantra Om deve, portanto, conduzir para uma abertura de uma consciência através de uma visão e sentimentos desta consciência em todas as coisas materiais. No ser interior e nas palavras suprafísicas, no plano causal, agora além da superconsciência para nós e, finalmente, a libertação suprema transcendente acima de toda a existência cósmica. Essa última é geralmente a principal preocupação para aqueles que usam o mantra. (AUROBINDO, 1971, p.25) sri aurobindo and mother on prayer and mantras.

Demonstrando, assim, para os que se utilizam dos mantras, que a sua finalidade é uma percepção de uma consciência através da realização desta consciência no plano material resultando, por fim, o que ele chama de “... a libertação suprema transcendente acima de toda a existência cósmica.”

A respeito do OM, já tecemos considerações no Capítulo 1. Nesta passagem, vemos sua importância na tradição de Sri Aurobindo, e ainda a relação do OM com a superconsciência ou a supermente.

Além de Aurobindo, a Mãe também deixou alguns escritos sobre o tema dos mantras. Aqui veremos alguns trechos de textos onde a Mãe Mirra Alfassa faz alusão à importância e aos efeitos da prática de mantra em determinadas situações:

Quando você nota que, repentinamente, algumas coisas fogem das suas mãos, que você está cometendo erros, que você está desatento, às vezes, correntes contrárias vêm e cortam através de tudo que você faça, se você adquire um hábito de repetir palavras automaticamente, neste momento de evocar o mantra tem um efeito extraordinário. Você escolhe o seu mantra ou, preferencialmente, um dia ele vem pra você num momento de dificuldade. Num momento

em que as coisas estão muito difíceis, quando você tem algum tipo de angústia, de ansiedade e não sabe o que vai acontecer, subitamente, eles nascem dentro de você, as palavras nascem dentro de você. Para cada um, isto pode ser diferente, mas se você tomar nota do mesmo e, em algum momento, você estiver frente a frente com a sua dificuldade, você o repete, ele irá tornar-se irresistível... (MÃE apud AUROBINDO, 1971, p.25)

Nesse trecho, a Mãe fala, de forma simples e prática, sobre uma das funções mais elementares da repetição do mantra, como uma forma de transmutação de sentimentos negativos ou situações difíceis. Reafirma aqui que o mantra não é algo da criação mental do ego do praticante, mas sim algo que deve ser vivenciado como uma escuta interior. Este é o mantra mais poderoso.

Apesar da importância dos ensinamentos dos mestres registradas nos livros, a experiência vivencial dos mantras, em nossa pesquisa de campo, foi fundamental para a compreensão de seu significado dentro desta tradição. Assim, descreveremos, a seguir, o roteiro de nossa viagem pela Índia, como forma de introduzir as entrevistas que serão apresentadas no terceiro capítulo.

2.4 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

Conforme foi dito na introdução, desenvolvemos uma pesquisa de cunho etnográfico. Ou seja, ao longo dos dias transcorridos na Índia, nos colocamos de observador de uma cultura, ou de um modo de ser reconhecidamente diferente do nosso, que é a tradição dos mantras no âmbito de sua própria cultura: a cultura indiana. Os atores ou os pesquisados que nos interessaram configuravam-se em professores de yoga e(ou) mantras da tradição do yoga integral, pessoas que reconhecidamente exercem funções importantes nos ashrams deste Yoga.

Tomando como referência abordagem proposta por Viveiros de Castro (2002 apud ANDRADE; 2014) na definição de uma pesquisa etnográfica, entendemos esses professores dos ashrams e mestres de mantra-yoga como portadores de uma tradição importante para estudos dessa natureza.

O 'antropólogo' é alguém que discorre sobre o discurso de um 'nativo'. O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os

discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o 'observador') estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o 'observado'). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos (VIVEIROS DE CASTRO; 2002 apud ANDRADE; 2014, p. 64).

Assim, tomando por base esse olhar antropológico, que também faz parte do arcabouço das Ciências das Religiões, vamos discorrer sobre os discursos a respeito de mantras que foram elaborados pelos mestres e praticantes com os quais pudemos interagir em nossa pesquisa de campo. Em campo pudemos constatar justamente algo parecido com as considerações feitas por Viveiros de Castro, pois no discurso da maioria dos atores sociais percebemos uma grande receptividade e uma interação intensa com o entrevistador.

A abordagem metodológica de nosso campo de pesquisa se estabeleceu através de um método de pesquisa participante. Essa abordagem do tema surgiu de forma natural ao longo da pesquisa, uma vez que nossa viagem à Índia não teve apenas um aspecto de pesquisa, mas também um envolvimento nosso como praticante de uma determinada linhagem de Yoga. Assim, nossa etnografia do campo, teria que ser construída necessariamente a partir deste olhar participante, de alguém que esteve em campo observando e ao mesmo tempo experienciando a tradição dos mantras.

Na parte seguinte deste segundo capítulo vamos apresentar a descrição do campo em si e no capítulo seguinte vamos apresentar as entrevistas que realizamos, e junto delas uma breve descrição dos entrevistados. Tudo isso para tentar reconstruir nosso olhar e nossa experiência enquanto estivemos imersos nos *ashrams* e nas práticas de mantras em nossa viagem à Índia.

Assim como em outras pesquisas recentemente desenvolvidas no programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (cf. ANDRADE; 2014, p. 66), constatamos que essa característica de participar do grupo pesquisado é um fator que facilita acessos a determinadas práticas. Porém, fazer parte do grupo e ao mesmo tempo pesquisa-lo também exige um exercício contínuo de aproximação e

distanciamento do objeto pesquisado. Vale ressaltar que mesmo pesquisadores que não participem de forma ativa dos grupos pesquisados, também acabam por interferir na dinâmica destes, através de sua simples presença, como nos lembra Silva (2000, p. 17). Segundo este autor, o mito do “pesquisador fantasma”, que não afeta e não é afetado pelo campo, não tem mais sustentação nas pesquisas contemporâneas, onde qualquer observação tem sido notadamente reconhecida como participante.

Por isso não vemos problema alguma em reconhecer nossa participação bastante efetiva no campo pesquisado, interagindo com os interlocutores que também foram nossos professores e mestres na prática dos mantras.

2.5 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA: ÍNDIA 2013-2014

Nossa viagem foi focada nos principais *ashrans*. Nossa vivência de campo se deu tanto na forma de pesquisador, quanto na forma de praticante, embora, essencialmente, nosso principal olhar tenha sido de pesquisador. Assim, nossa pesquisa se caracteriza como participativa, na qual o pesquisador não se abstém da vivência, mas busca construir um olhar crítico sobre a mesma.

Nossa pesquisa de campo foi programada para ser realizada em três cidades da Índia, onde se encontram os principais Ashrans do Purna Yoga (Yoga Integral). Em um primeiro momento, estivemos em Pondicherry, que está situada no sul da Índia, cidade que faz, a leste, fronteira com a Baía de Bengala e, a oeste, norte e sul, com o estado de Tamil Nadu. Esse território foi possessão francesa entre o século XVII e 1954. Foi o local onde viveram e ensinaram por anos os principais Mestres do Yoga Integral, Sri Aurobindo e Mirra Alfassa. Local do Sri Aurobindo Ashran.

Em um segundo momento, pegamos um voo interno para Nova Délhi, que é a atual sede do governo da Índia e a capital do país, onde se localiza uma filial do Sri Aurobindo Ashran, o Sri Aurobindo Ashran Delhi Branch. Por fim, pegamos um ônibus até Haridwar, agora mais ao norte, no sopé do Himalaia, e nos hospedamos no Aurovalley Ashran.



Figura 9 - Mapa com marcação dos locais visitados no sul e norte da Índia.

Dia 27 de dezembro de 2013, chegamos ao sul da Índia, na cidade de Chennai, estado de Tamil Nadu. Logo pegamos um ônibus para num povoado simples, chamado de Mahabalipuram. Uma cidade pequena, numa região com templos muito antigos, que foram esculpidos em blocos sólidos de granito. Nas rodovias entre Chennai e Mahabalipuram, via-se, dos lados da pista, muitos escultores trabalhando em blocos de pedra; vimos esculturas belíssimas, às vezes muito grandes, de Ganesh, Hanumam, Buda, Vishnu, entre outros, Devas do panteão Hindu. Assim, através principalmente da arte, passado e presente, mantém-se viva uma herança cultural de mais de mil anos.



Figura 10 – Pondicherry - Sri Aurobindo Ashran.

Descansamos por uma noite nesse pequeno povoado, e logo tomamos outro ônibus pra Pondicherry, primeira e mais importante cidade para nossa pesquisa de campo, local onde viveram e ensinaram Sri Aurobindo e Mirra Alfassa. Localiza-se ali o Sri Aurobindo Ashran. Agora uma cidade maior que a citada anteriormente. Com um fervor habitual das ruas movimentadas e barulhentas. Tão comum nas grandes cidades da Índia.

Seguindo em direção à praia, entramos numa região da cidade mais tranquila, onde poucos carros circulam, onde muitos caminham ou usam bicicletas como principal meio de transporte. Tarda a percepção de que estamos num ashram, pois, a não ser por suas paredes num mesmo tom de azul acinzentado, não há ali um único espaço físico isolado, mas uma espécie de vila, imantada pela áurea espiritual do Yoga Integral. Aos poucos, conseguimos autorização para visitar e meditar em locais importantes do Ashram, como o quarto onde Sri Aurobindo viveu, lugar onde a Mãe abençoava os devotos (Darshan), Mahasamadhi (Mausoléu dos mestres), refeitório.

De manhã logo cedo, o grelhar dos corvos ecoa nos quatro cantos da cidade. Às 6h da manhã, tivemos um encontro para meditar no Mahasamadhi. O centro de toda a atividade do Ashran, local onde estão os corpos de Sri Aurobindo e da Mãe

(Mirra Alfassa), onde todos os dias, ao nascer e ao fim do dia, centenas de discípulos do Yoga Integral se ajoelham, prestam suas homenagens e sentam pra meditar em torno do mausoléu dos mestres. Esse é o principal e talvez único centro devocional dos praticantes desse Yoga.



Figura 11 – Mahasamadhi (Mausoléu dos mestres Sri Aurobindo e Mirra Alfassa).

Ano Novo no Ashram

Nossa virada de ano na Índia também aconteceu no Mahasamadhi do Ashram. Nenhum festejo se ouviu na noite do dia 31, pois, diferente do Brasil, pelo menos nessa região, os indianos costumam celebrar o réveillon na manhã do dia 1 de janeiro. Nesse dia, uma fila imensa se formou em frente ao portão de entrada onde fica o Mahasamadhi e, mesmo chegando bem mais cedo que o habitual, ainda no escuro, enfrentamos uma fila pra conseguir entrar. Outra dificuldade foi encontrar depois um lugarzinho apertado pra meditar entre centenas de pessoas, em sua grande maioria de ashramitas (discípulos/estudantes do Ashram).

Gostaríamos de ressaltar aqui a importância de viajarmos na presença do professor Horivaldo Gomes que, no Brasil, é o principal disseminador do Yoga de Sri Aurobindo, autor de vários livros sobre o assunto e presidente da ANYI - Associação Nacional de Yoga Integral. Desde o início da nossa viagem, o professor Horivaldo

Gomes se manteve nos auxiliando e em diálogo com os mestres do ashram, para que nos possibilitassem, na pesquisa de campo, um melhor aproveitamento dos ensinamentos vivos nos discípulos diretos de Sri Aurobindo. Com tantas idas à Índia para estudar nos ashrams de Sri Aurobindo, o Professor nos levou por diversos lugares do ashram que não são permitidos a visitantes ou turistas.

Através do Professor Horivaldo, conhecemos a Madhumita Padnaik, uma ashramita indiana, professora de dança no Sri Aurobindo Ashram que, ao saber do nosso estudo, também se mostrou prontamente disponível para nos ajudar, nos ciceroneou e nos possibilitou o contato com os principais mestres e professores, com conhecimento sobre os Mantras. Assim, nossos dias em Pondyerry transcorreram entre conhecer o Sri Aurobindo Ashram, mantendo um contato de práticas, numa grande maioria de meditação junto aos ashramitas, e entrevistar pessoas com representatividade para nossa pesquisa.

Auroville - A cidade à Luz do Purna Yoga

Ainda durante nossa estadia em Pondyerry, pudemos visitar algumas vezes a cidade de Auroville, um das maiores experiências comunitárias da terra, a cidade idealizada pela Mãe (Mirra Alfassa), para que fosse um campo fértil para o desenvolvimento da humanidade, o florescer de uma nova consciência, baseados nos ensinamentos de Sri Aurobindo. Lugar fundado com o objetivo de divinizar toda a vida na terra, um lugar de contato com o divino, através da comunhão de diversos povos, a despeito de raças, dogmas, ritos ou raça.

Em Auroville, percebemos a experiência filosófica do Yoga Integral se pondo em prática. Uma cidade projetada em um solo árido, para ser o início de um tempo de transcendência e evolução, de uma nova consciência na terra, para a descida da Super Mente.

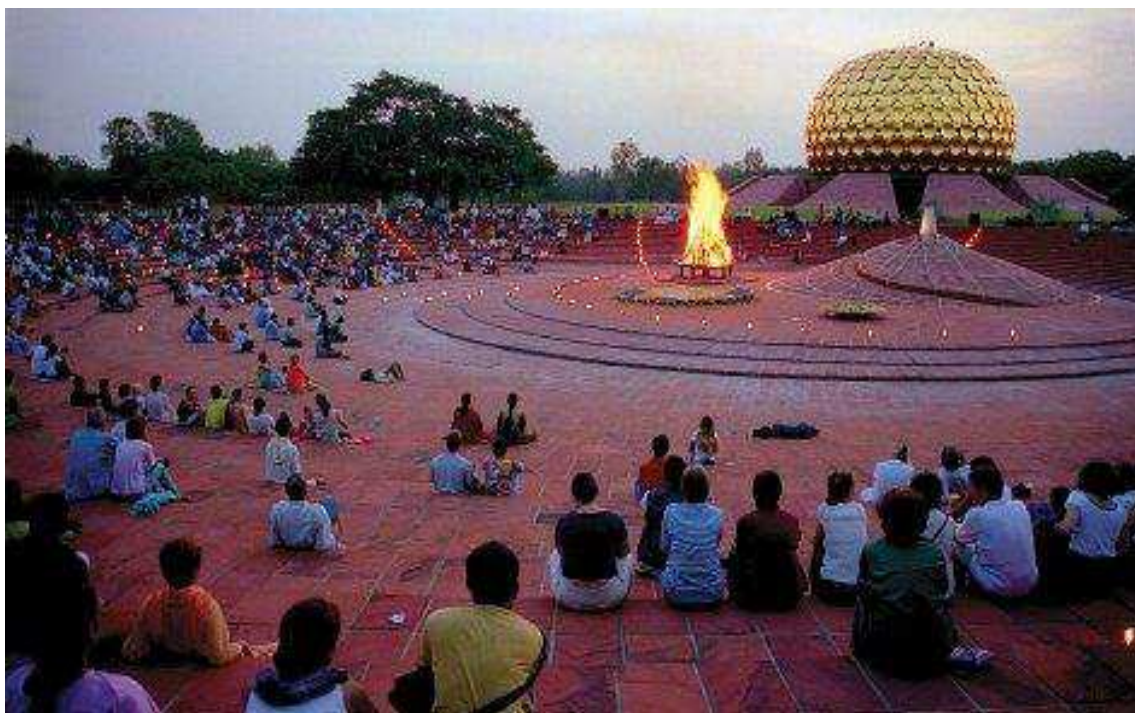


Figura 12 - Nova Délhi - Sri Aurobindo Ashran Delhi Branch.

Dando continuidade à nossa experiência de campo, seguimos em 8 de janeiro para Nova Délhi e fomos direto para o Sri Aurobindo Ashran Delhi Branch. Assustadora para nós a visão externa do ashram, a cidade de Délhi está entre as mais poluídas e barulhentas cidades do mundo, com muitos moradores de rua vivendo em situação de extrema pobreza. Ali, constatamos, mais uma vez, a vocação social do Yoga Integral. No meio do caos urbano, a ashram sustenta uma atmosfera espiritual de paz e mantém, entre suas atividades, um centro educacional que é referência na Índia, entre outras atividades voltadas para o desenvolvimento humano.

Esse Ashram é uma filial do centro de sadhana de Pondicherry e teve como fundador Sri Surendra Nath Jauhar. Discípulo direto dos mestres do Yoga Integral, Sri Surendra herdou uma grande área de terra na região, onde hoje é Nova Délhi, e foi orientado pela Mãe na missão de fundar uma extensão ou filial do Ashram de Pondicherry. Foi inaugurado, em 12 de fevereiro de 1956. A Mãe ofereceu ao novo ashram relíquias de Sri Aurobindo para serem expostas em um santuário. Nesse momento faziam seis anos da morte de Sri Aurobindo.

Nossa vivência em Délhi foi a participação efetiva em todas as atividades do ashram. De manhã, com início às 6h, tínhamos por 1 hora de meditação no Meditation Hall, centro de meditação, considerado o centro da vida no ashram. As

meditações eram em silêncio, porém, por algumas ocasiões, o silêncio era quebrado pelo som de instrumentos e pelo canto de mantras conduzidos pela Mestra de mantras Karunamayee. Talvez, a mais importante mestra de mantras de todos os ashrams do Yoga Integral. Tivemos ali, durante a nossa estadia, encontros diários com Karuna, onde a mesma, ao som do Harmonium, um instrumento musical que é uma espécie de mini-piano com o corpo “sanfonado”, repassava-nos ensinamentos sobre a prática de mantras e a filosofia do Yoga Integral. Às 7h, tínhamos práticas de Hatha-Yoga com os professores indianos. No decorrer da manhã, trabalhávamos de forma voluntária, na cozinha ou na horta, ou assistíamos a palestras sobre Yoga, saúde e educação, com professores e terapeutas do The Mother’s Integral Health Centre.

Tivemos a oportunidade de conhecer uma parte do grande complexo educacional do Ashran, bem como trocar experiências com professores e alunos que se interessaram bastante por nossa cultura. No início da noite, acontecia o último encontro no salão de meditação, onde cantávamos mantras e recebíamos mais orientações da mestra Karunamayee.

Haridwar - Aurovalley Ashran

Em 15 de janeiro, seguimos de ônibus com destino à Haridwar, umas das principais cidades sagradas da Índia, conhecida como um antigo centro de peregrinação hindu, localizada no sopé dos Himalaias no estado indiano de Uttar Pradesh. Nossa viagem, de aproximadamente 200 km, com saída de Nova Délhi, tinha como destino a área rural de Haridwar, onde fica o Aurovalley Ashran, principal centro do Yoga Integral naquela região, que tem seu ashran situado às margens do rio Ganges. Nossa chegada foi marcada por nosso primeiro encontro com o mais reverenciado rio da Índia e também tínhamos, de longe, a primeira vista do Himalaia, com sua imensa cordilheira encoberta por seus picos nevados.

Fomos recebidos na chegada ao Aurovalley Ashran por um senhor de vestes claras, barbas e cabelos brancos e de um profundo olhar marcante que sobressaía de um rosto de poucas palavras. Não tardou a percepção de que aquele senhor era o Swami Brahmadev, dirigente e mestre espiritual do ashran. Esse centro foi fundado pelo Swami Brahmadev, em 1985. Discípulo de Sri Aurobindo e da Mãe, o Swami nutre ali o ideal de uma comunidade ecumênica e disse ter sido inspirado

pela Mãe em uma visão que deveria ser construído ali um ashram do Yoga Integral. Seu centro foi registrado pelo governo da Índia como uma instituição de Yoga educacional e, além de se propor um desenvolvimento espiritual, o ashram oferece serviços de educação e programas para o bem estar das comunidades circunvizinhas.

Seus discípulos, em sua maioria, estrangeiros acreditam ser o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma consciência de unidade entre diversos povos. O ashram é cercado por uma região de grande beleza natural, onde, em nossas caminhadas matinais pelo Ganges, deparamo-nos com inúmeros animais selvagens.



Figura 13 - Animais selvagens.

Nesse local, durante a noite, não é aconselhável a visita, pois elefantes selvagens se aproximam. Diferente daquilo que é apregoado pelo senso comum, o rio Ganges tem nessa região um aspecto muito límpido, com águas gélidas e cristalinas, fruto de suas nascentes e do degelo dos Himalaias. Nesse trecho, caminhando sobre o leito quase seco do rio, encontramos várias vezes pequenas oferendas, com flores e imagens de deidades.

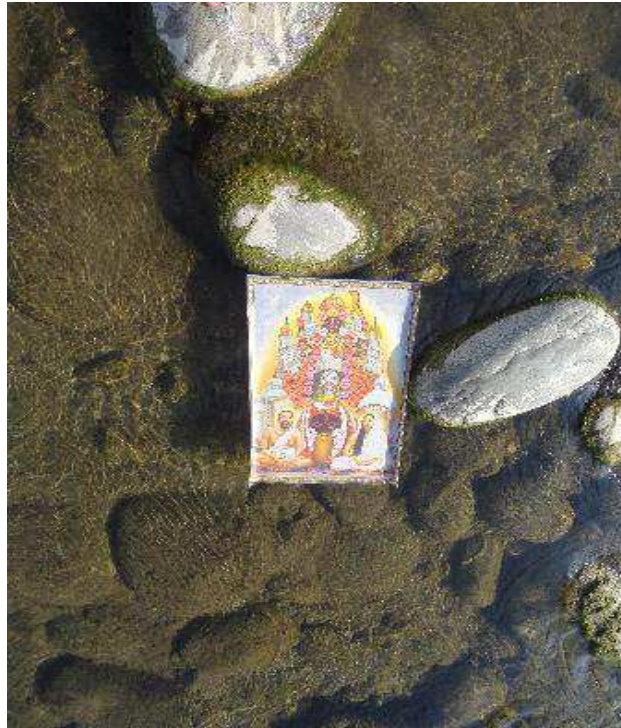


Figura 14 - Oferenda encontrada no Rio Ganges.

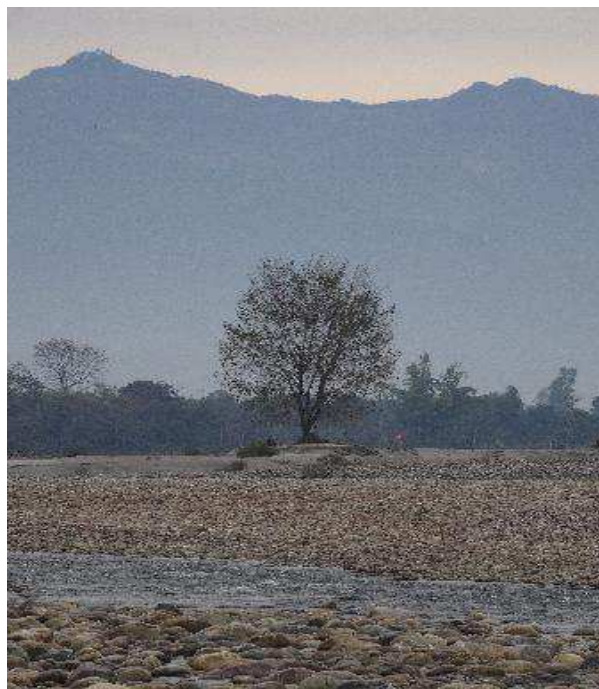


Figura 15 – Leito seco do Rio Ganges.

Seguimos em Haridwar, com vivências de meditação, a partir das 6h da manhã, onde nos dirigíamos para um bonito salão do ashram, local utilizado apenas para meditação. O salão era espaçoso e as pessoas se sentam em confortáveis almofadadas para meditar. No centro do salão, há uma réplica do cristal encontrado no centro do Matrymandir. Só que ali, seu cristal reflete um verde esmeralda, e, evidentemente, as dimensões são bem mais modestas que as do templo maior no coração de Auroville.

Saindo da meditação, todos se dirigiam direto para o salão de Hatha-Yoga, onde essas aulas eram sempre conduzidas por professoras de asanas que eram moradoras do ashram (ashramitas). Após a atividade corporal mais intensa, dirigíamo-nos para o refeitório, onde nos era servido um desjejum. Após o café da manhã, iniciava-se o trabalho diário e logo tínhamos algum tempo livre para leitura, caminhada ou mesmo a saída do Ashram para alguma visita externa. Logo mais, às 11h, encontramos-nos na biblioteca do Ashram para ouvir os ensinamentos do Swami Brahmdev, que respondia sempre aos questionamentos e às dúvidas dos seus estudantes. À tarde, havia outra prática de asanas (posturas psicofísicas), mais uma hora de meditação, jantar e, por fim, um último encontro (sat-sangha) com o Swami no salão da biblioteca.

CAPÍTULO 3 - ENTREVISTAS E DISCUSSÃO

3.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO

Nossa viagem pela Índia foi dividida em três fases. Primeiro, estivemos em Pondicherry, estado de Tamil Nadu, sul da Índia, onde se localiza o Sri Aurobindo Ashram. Num segundo momento, pegamos um voo até Nova Delhi, atual capital da Índia, onde está situado o Sri Aurobindo Ashram Delhi Branch, e a International Mother School. E, na última fase da nossa viagem, fomos mais para o norte, onde ficamos hospedados no Auro Valley Ashram, em Haridwar.

Nossa mostra na pesquisa de campo foi composta por um grupo de oito indianos, que exercem notoriamente funções relevantes no Sri Aurobindo Ashram e em mais dois Ashrans que são filiais de reconhecida importância na linhagem do Yoga Integral. No Brasil, entrevistamos seis instrutores de Yoga Integral, filiados a ANYI - Associação Nacional de Yoga Integral, e um sétimo entrevistado, o atual presidente desta associação, o Professor Horivaldo Gomes.

Tomamos, como base, duas questões principais: “O que significa Mantra para você?” e “Qual a sua prática pessoal de Mantras?”. Quando percebíamos no entrevistado um maior conhecimento sobre o tema, pedíamos que os mesmos abordassem também o Mantra Gayatri e (ou) o Mantra Om.

As entrevistas com o indianos foram realizadas em língua inglesa e foram diretamente traduzidas do áudio em inglês na forma de texto em português. Desse processo, participaram orientando e orientadora, com o auxílio de Narayam (tradutor do grupo de brasileiros em visita aos Ashrans na Índia). O áudio original das entrevistas está disponibilizado em anexo nos CD's, entregues juntos à dissertação.

3.2 ENTREVISTAS COM PRATICANTES INDIANOS

3.2.1 Swami Bramdev - Aurovalley Ashran - Haridwar

Swami Bhamdev é um discípulo de Sri Aurobindo e da Mãe, que fundou, na zona rural de Haridwar, o Aurovalley Ashran. A sua entrevista foi feita na biblioteca do Ashram, por ocasião de um satsang com o Swami. Além do entrevistador, o professor Horivaldo Gomes também colaborou com a entrevista.



Figura 16 – Swami Brandev.

Entrevistador: Então, pessoal, eu vou perguntar de início ao Swami Brandev o que é Mantra, o que significa Mantra?

Entrevistado: ... silêncio... Mantra é uma vibração especial, essas vibrações, sons, suprem sua natureza psíquica. Quando a gente usa a palavra Mantra, mantra significa a língua da sua alma. Nós temos língua mental, há muitos tipos de língua. Língua mental, língua física, psíquica. Sua mente sempre fala, o corpo sempre fala, sua emoção, seu corpo vital sempre fala, sua alma sempre fala. Todos têm línguas diferentes. Todas as línguas têm vibrações diferentes. Língua mental produz vibrações mentais, vital, produz vibrações vitais, físicas vibrações físicas e psíquica, vibrações psíquicas. A alma produz vibrações espirituais.

Aos que vão muito profundamente em busca da vida, esses descobrem a língua da alma, a língua psíquica. Na língua psíquica, eles descobrem alguns sons especiais. O som da língua psíquica é o Mantra. Qualquer coisa que venha do Ser psíquico é um Mantra. Sri Aurobindo escreveu um livro, Savitri. Tudo são Mantras, cada linha do Savitri é um Mantra. Tudo isso veio do psíquico dele. Para os efeitos das línguas diferentes, se sua mente fala, a língua mental. Se você segue sua língua mental, você cria um mundo mental... Se você escuta a voz do seu corpo, você produz um mundo físico. Se você segue a língua do seu vital, você cria um mundo vital. Se você ouve o psíquico, segue o seu psíquico, cria um mundo psíquico, espiritual, divino. O efeito de cada um deles é diferente. Há muitos mantras, todas as religiões têm seus mantras. Se você usa qualquer mantra, esse mantra imediatamente muda seu psicológico. Começa a se sentir (...), e um segundo. Essa é a influência dos sons, das vibrações do som psíquico. O primeiro efeito do uso do mantra é na sua psicologia negativa e positiva; se você se sentia fraco, você se sente forte. Se sente medo, imediatamente no mantra, seu medo desaparece. Então, o mantra é uma

ferramenta muito poderosa, sempre o mantenha com você, vai te ajudar e proteger a sua vida. Mudar sua psicologia, tornar forte, eles ajudam a fazer nossa vida útil. Os mantras, os efeitos dos mantras, dessa vibração do psíquico, são tão poderosas, que é a maneira mais rápida e fácil de mudar sua natureza. A vida significa mudança, mudança da sua natureza, mudança da sua consciência, com a ajuda do mantra, essas vibrações fazem uma transformação muito rápida, com certeza, fazendo um ser melhor. Por isso, o mantra é tão importante. A Mãe estava usando os mantras, esse mantra que ela usava era o Om Namó Bhagavate, e Mãe repetia esse mantra milhões de vezes. Em determinado momento na vida da Mãe, cada célula do seu corpo estava cantando esse mantra, toda célula tava cantando. Esse é o mantra da transformação, é para fazer um trabalho de transformação nas células da matéria. E a mãe foi transformando sua consciência, vai transformando a informação das células... Então, ela tava usando esse mantra: Om Namó Bhagavate. O Om significa o divino, o supremo. Namó é Saúde, Faça por você, o divino, o supremo, a luz. E o Mantra é somente para aqueles que querem progredir, transformar, realizar o seu verdadeiro Ser, pra eles, o Mantra tá aí. A maneira mais curta, mais fácil pra realizar a si próprio, a verdade. E agora... esse tema dos Mantras é tão vasto. O som da sua vida. Nós dá vida, o som. Esse som ajuda a fazer nosso equilíbrio, esse mesmo som, é o som do universo, o som da vida, esse som é o Om. É o mantra mais alto, poderoso. Se você quer só escutar o som do Om, feche seus ouvidos e escute, o seu som, o som da sua vida. Faça assim: Faça assim, pressione! (Nesse momento, o Swami pediu pra fecharmos o ouvido e os olhos com os dedos das mãos). Pressione por algum tempo, pressione!... Silêncio.... Tá sempre lá, automaticamente. Esse som sustenta sua vida. Tá te dando vida, quando ele terminar, não tem mais vida. Esse é o som do silêncio, do universo, do divino. É o som da sua respiração, se você ouvir sua respiração, o som é Om, o mesmo Om. Quando a gente respira, o que você respira é Prana. A gente não respira ar, com ar você não pode... pegar uma bomba e botar ar, o corpo não vai... Quando a gente respira, a gente usa a palavra Prana; quando você respira você respira o divino. Na Índia, a gente pensa que, em cada partícula, o divino tá em todos os lugares, onipresente, em todos os lugares... silêncio... No ano passado, na Holanda. Muitos cientistas fizeram um experimento. Sabe o Bosson de Rigs? Vocês ouviram falar do Bosson de Rigs? O que eles descobriram? Muitos cientistas do mundo gastaram bilhões de dólares, descobriram a partícula de Deus. Eles disseram: tem Deus em todo lugar. Descobriram que Deus tá em todo lugar. Partículas de Deus. No conhecimento espiritual da Índia, a gente diz que Deus está em todo lugar. A realização dos Rshis indianos, divina, onipresente, tá em todo lugar. O que acontece quando a gente respira, respiramos as partículas do divino, é um processo natural. Suponha que se quer respirar mais partículas divinas. Você tá respirando normalmente, mas você quer mais partículas divinas. A gente quer essa caixa cheia de vibrações divinas. Os mantras, principalmente o Om, o som e as vibrações desse som, Om, tem um poder magnético muito forte. Esse poder magnético pega todas as partículas divinas, quando você fala Om; todas as partículas divinas correm mais rápido pra você. E com isso o que acontece? O seu corpo se enche de vibrações divinas, a gente usa a palavra alma, ninguém nunca viu a alma, a gente usa a palavra Deus, ninguém sabe o que é Deus. Todo esse jogo da vida é um jogo de vibrações, um jogo de forças. Com o Om, mais e mais partículas de vibração divina enchem sua caixa, você começa a sentir mais como o divino, mais pacífico, alegre, bem-aventurado, com mais luz, qual a natureza divina? É graça, o divino é verdade, o divino é consciência, o divino é amor, concretude,

totalidade, mais vibrações do divino. Você começa a se sentir mais como o divino, essa é a ideia. Mais consciente. Então, quando essa vibração divina sai, tá terminado. Quando as vibrações divinas tã lá, sua vida é muito útil, muita bem aventura, muito propósito. Mas quando ela sai, esse corpo se torna morto. Então, o Mantra é uma ferramenta muito poderosa pra elevar nossa consciência. Você sentir como divino, crescer como o divino, viver como o divino, o mantra ajuda. Têm muitos mantras, esse jogo é um jogo de forças, tantas forças querem se manifestar através de você. E cada força tem o seu próprio mantra. Suponha que você quer água, você quer fogo, quer paz. Pra cada um tem um mantra diferente. Qualquer coisa que você queira, apenas produza a vibração, use o mantra dessa força, as vibrações do mantra vão conectar você, estabelecer sua conexão com aquilo. Se você tentar repetir o mantra da água, esse mantra vai te conectar com a água, a força do fogo, da terra alegria... todas essas forças, seja lá o que você quiser, mande sua vibração pra isso. Isso é um Mantra. O mantra ajuda a estabelecer os nossos links, nossas conexões. Sri Aurobindo, no Yoga Integral, disse: Mantra é bom, ok. Mas a sua aspiração, isso é muito mais poderoso que o mantra. Se alguém pode aspirar, não precisava de nenhum mantra, ele só te ama. (risos), tá terminado. Não sei porque Mantra. O poder da aspiração, do amor do divino. A aspiração é muito mais poderosa do que qualquer mantra. O Yoga de Sri Aurobindo é baseado em uma palavra, uma só palavra: Aspiração. Somente aspiração. E o que é aspiração? Chore da sua alma pelo divino, apenas um sentimento muito puro pelo divino. Simplesmente com a aspiração, é muito mais rápido que os mantras. Mas enquanto você não conseguir aspirar, use os mantras.

Entrevistador: Uma segunda questão, qual seria a prática pessoal dele, o mantra pessoal?

Entrevistado: *No começo, desde que eu estou aqui, essa é minha rotina diária, gritar pelo divino. Ó deus eu tô aqui, obrigado, obrigado. Todo dia eu digo obrigado. Simplesmente o Yoga de Sri Aurobindo, ele disse. Todos os yogas, de onde eles terminam. O meu Yoga começa dali. O que isso significa? Todos os outros Yogas acordam no máximo o Ser Psíquico. E o Yoga Integral começa depois do despertar do Psíquico. Então, qual o efeito desses mantras? Os mantras ajudam você a despertar o Ser Psíquico. O Psíquico é nossa parte morta, que você pode dizer que é sua verdadeira vida. Existem cinco partes do Ser, primeiro é o corpo, segundo é a mente, o terceiro é sua parte emocional... o Ser físico, mental, vital, psíquico e o quinto é o espiritual. São as partes do Ser que nos fazem seres humanos. Normalmente, nessa vida da superfície, num nível mental, emocional, físico, a gente vive sem o psíquico. Somente com o mental, a mente, uma vida normal humana, é apenas uma ideia da sua mente que vem a você, ou um lado de seu corpo, ou um desejo do seu vital, essa é a vida normal. Uma ideia, um desejo, um hábito do corpo. Toda a vida, você ocupado pra completar seu desejo, suas ideias, é o que a maioria dos humanos fazem. De viver com os desejos, ideias e hábitos, e não cumprir o propósito da nossa vida, o Ser psíquico que sabe pra quê que eu nasci. O nosso Ser Psíquico é uma parte morta que carrega todo o programa da sua vida, todo o mapa, todo plano divino, o que você tem que fazer, qual o seu propósito, o que que se tem que manifestar. Tudo isso tá no nosso Ser Psíquico. Sabe na semente, tem uma parte dentro dessa semente que carrega todo o mapa dela. Todo um plano divino. Então, o que essa semente vai produzir? Assim que essa semente achar seu lugar, todo o projeto começa a aparecer. Todo o programa dessa semente, programa divino dessa semente. E todo esse plano divino carrega o nosso*

Ser Psíquico. Sem o despertar do Psíquico, essa vida é inútil, o divino não vai se manifestar. Não vai cumprir o plano, só vai viver uma pequena vida mental, vital. Então, os mantras ajudam a despertar o psíquico, a força dos mantras, as vibrações do mantra. A gente pode despertar o nosso psíquico. Sempre repita, sempre lembre o divino com qualquer mantra, seja com sua aspiração, acorde o psíquico, seja com os mantras, acorde o psíquico. Às vezes, a natureza acorda nosso psíquico com algumas catástrofes, com os terremotos, sabe quando vem um terremoto, imediatamente tudo. Nossa vida, às vezes, vem um terremoto. A natureza tem muitas formas de nos acordar. Sempre reze pelo divino, pela graça, pra que o seu psíquico possa acordar, que a vida possa ser útil, tenha um propósito. Sempre ofereça, sempre coloque você de frente pro divino, eu tô aqui, eu sou seu.

Nessa hora, o professor Horivaldo interveio e perguntou: Qual foi o mantra que mais ajudou a despertar a sua natureza psíquica?

Entrevistado: *Alguém perguntou pra Sri Aurobindo: O seu Yoga é muito difícil! Como fazer isso? Então ele disse: Apenas ame a Mãe, ame a Mãe. Não faça mais nada. Apenas chame o tempo inteiro Ma Ma Ma... é isso: Ma Ma... Isso é muito natural, o primeiro som da vida é Ma. Quando a criança nasce, em qualquer parte da terra, essa vida. A vida dele vem com esse som Ma Ma... e a vida começa. Isso tem uma vibração muito poderosa. Alguém perguntou: Mãe, como fazer esse Yoga? Como é que se faz esse Yoga? E a Mãe sempre dizia: Não faz Yoga não, me dá sua vida, que eu faço o Yoga, me dá sua vida, que eu faço tudo. A Mãe nunca disse, faz isso, faz aquilo. Muita gente foi pra Mãe, a mãe sempre disse: Me dá sua vida, eu farei tudo pra você. Não precisa de mais nada. Na verdade, toda essa vida é uma criação da Mãe, esse é o ponto. A Mãe significa força e consciência do divino. Qualquer lugar onde há vida, onde há movimento, aquilo tudo é a Mãe. Tudo é Mãe. Todos esses movimentos são em direção ao divino. Então, o mais importante pra vida sempre sentir que você sempre está na mãe, que a Mãe sempre está com você. A Mãe não é uma forma, não é feminino ou masculino. Mãe significa força e consciência. A consciência criativa da vida é Mãe.*

Uma terceira pergunta pro Swami, se não for abusar muito, seria pra ele nos falar sobre o Gayatri, ou mesmo o Gayatri de Sri Aurobindo?

Entrevistado: *Om tat savitur varam rupam... esse é o gayatri de Sri Aurobindo. E o gayatri mantra é Om bhur Bhuha... O significado dele é: Ó supremo, ó luz. Faça-me luz. Em palavras curtas, esse é o significado. Ó divindade, ó luz, faça-me luz, mova-me naquela direção, onde a vida pode realizar o divino, realizar a luz. Vida é o movimento, e há 360 direções pra se mover. Tudo é o divino. Num lugar, tem ignorância, escuridão, inconsciência. Se você for nessa direção, você entra na escuridão, e se move nessa direção, você vai pra luz. Então, o mantra é isso. Mova-me nessa direção pra que eu possa me encontrar, meu verdadeiro Ser, minha luz, minha verdade. Esses são os significados simples desse mantra. Essas palavras são bem carregadas, e as vibrações dessas palavras estão em todos os lugares. Quando você repete esses sons, você facilmente estabelece suas conexões, e com essas forças, ele começa a tomar conta de você.*

Eu queria só agradecer ao Swami, e dizer que, quando a pesquisa ficar pronta no Brasil, eu me comprometo a mandar uma cópia aqui pra biblioteca, aqui pro Ashran.

Entrevistado: *Quando você terminar sua pesquisa, não faz só uma pesquisa. Torne-se um iluminado.*

Comentários do pesquisador:

No início da entrevista, o Swami nos traz a seguinte definição de Mantra: “Mantra, mantra significa a língua da alma”, chama-nos atenção aqui, nessa passagem, a visão de que o mantra não seria entendido por ele como uma técnica para o desenvolvimento espiritual, mas como a própria linguagem do aspecto transcendente da divindade percebida em nós.

Em seguida, ele afirma que “todas as religiões têm seus mantras”, o que define um caráter mais abrangente para a prática de mantras, em que o mantra não seria algo exclusivo da tradição indiana, inclusive, não se restringindo assim ao idioma do sânscrito. No entanto, para ele, todos os sons que fossem vocalizados, independentemente da sua língua matriz, mas com uma real devoção, ou uma máxima aspiração por parte do místico, também podem ser considerado um mantra.

No trecho “*Sri Aurobindo escreveu um livro, Savitri. Tudo são Mantras, cada linha do Savitri é um Mantra. Tudo isso veio do psíquico*”, ele expressa aqui que o mantra estaria relacionado não só com a aspiração do sadhaka, mas, fundamentalmente, pela ação de uma consciência superior agindo no indivíduo que foi inspirado, a ação da graça sobre ele. Aí, a concepção de que o mantra seria “ouvido” por esses mestres, no momento de sua conexão com a divindade.

No trecho da entrevista em que o Swami nos fala sobre a prática de mantras pela Mãe, foi dito: “A Mãe, estava usando os Mantras, esse mantra que ela usava era o Om Namó Bhagavate, e Mãe repetia esse mantra, milhões de vezes”. Assim, fica explícito que a Mãe tinha uma importante prática de mantra, a saber o Om Namó Bhagavate, que é um importante mantra da tradição vaishnava, que evoca a energia de krsna. Para o Swami, esse é o mantra da transformação, ao qual ele atribui um poder para a transformação a nível celular, no cerne da matéria.

Na passagem: “Se você quer só escutar o som do Om, feche seus ouvidos e escute, o seu som, o som da sua vida. Faça assim: Faça assim, pressione! (Nesse momento, o Swami pediu pra fecharmos o ouvido e os olhos com os dedos das mãos). Pressione por algum tempo, pressione!... Silêncio... Tá sempre lá, automaticamente. Esse som sustenta sua vida.” O Swami comenta a tradição da escuta do Om, do Anahata Sabda, do som que é ouvido no coração do sadhaka, do

impronunciável Om, o som que sustenta o universo. O som que é percebido por aqueles que atingiram um estado de transcendência, para além da matéria, além da mente.

Um próximo trecho que comentaremos dessa entrevista versa sobre uma das principais características deste Yoga, a Aspiração. “O Yoga de Sri Aurobindo é baseado em uma palavra, uma só palavra: Aspiração”. Essa aspiração que é responsável, inclusive, por uma secundariedade dos próprios mantras, onde o mantra só teria sucesso ou o efeito desejado se estivesse embasado pela aspiração. No livro “O caminho ensolarado” (MÃE, 2012, p. 67), a Mãe compara a Aspiração a uma flecha, um querer fervoroso para atingir a Verdade. E essa aspiração se eleva ao ponto que se “choca com uma espécie de tampa”, daí onde muitos afirmam: De que vale aspirar, se não tenho resposta? Então, a Mãe recorre ao famoso adágio popular, que diz que a gota d’água tanto bate na pedra até furar. E quando, por força de sua aspiração, ela consegue “atravessar a pedra”, subitamente, ele penetra numa imensidão luminosa, então afirma: “Ah, agora eu compreendo.” Nesse contexto, o mantra seria uma importante ferramenta para atingir essa meta, esse “atravessar a pedra”.

Quando perguntado sobre o seu sadhana particular, envolvendo mantras, o Swami Brahmdev inicia sua resposta dizendo: “No começo, desde que eu tô aqui, essa é minha rotina diária, gritar pelo divino. Ó deus, eu tô aqui, obrigado, obrigado. Todo dia eu digo obrigado” O que nos deixa também concluir a força da aspiração deste aspirante ao Yoga Integral, uma fé fervorosa, como um filho que está sempre chorando por sua mãe, que podemos entender por aspiração e entrega, e uma constante gratidão pela receptividade e percepção da presença da Mãe em sua vida.

Ainda sobre esse “chorar pela mãe”, mais adiante na entrevista, está posto: “Alguém perguntou pra Sri Aurobindo: O seu Yoga é muito difícil! Como fazer isso? Então ele disse: Apenas ame a Mãe, ame a Mãe. Não faça mais nada. Apenas chame o tempo inteiro Ma Ma Ma... é isso: Ma Ma... Isso é muito natural, o primeiro som da vida é Ma.” Encontramos nessa passagem, uma importante forma de prática de mantra para o Yoga Integral, que se relaciona com a entrega e aspiração citados acima, a prática do mantra Ma Ma Ma... sobre a qual o próprio Sri Aurobindo afirma ser esse o caminho ou método a seguir, um chamado que é fruto de uma profunda aspiração. E, então, o Swami descreve a Mãe, não como uma forma, não como uma

questão de gênero, feminino ou masculino, diz: “Mãe significa força e consciência. A consciência criativa da vida é Mãe.”

De forma sucinta, o Swami nos dá uma definição do Gayatri de Sri Aurobindo: “Ó supremo, ó luz. Faça-me luz. Em palavras curtas, esse é o significado. Ó divindade, ó luz, faça-me luz, mova-me naquela direção, onde a vida pode realizar o divino, realizar a luz.” Vemos aqui que a essência do Gayatri mantra védico é mantida, como uma oração que deve culminar com a realização da verdade, ou da divindade rejubilada no aspirante.

3.2.2 Bragkishore Vrage

Bragkishore Vrage, ou simplesmente Vrage, é professor de sânscrito do Sri Aurobindo Ashram em Pondicherry. Ele nos recebeu de forma muito carinhosa, e mesmo sendo cego, recebeu-nos sozinho para um dos momentos mais tocantes que tivemos.



Figura 17 - Prof. Vrage e Roberto Miranda, na escola de Sri Aurobindo Ashram, em Pondcherry.

Entrevistador: Professor Vrage, o que representa o Mantra para você?

Entrevistado: *O mantra é um som que pode ser cantado ou um conjunto de sons. Tem um significado muito profundo e o som, ele mesmo, tem um poder. Se eu sei o significado e coloco a minha aspiração, eu consigo alcançar as profundezas da minha consciência. É isso que eu entendo por mantra.*

Entrevistador: Qual sua prática pessoal de mantra?

Entrevistado: *Eu não faço muito regularmente...mas esse Om. Nós perguntamos a Mãe, muito tempo atrás, e ela respondeu uma pergunta durante a aula. Ela respondeu essa pergunta dizendo que muitas pessoas não têm energia quando acordam, pois não dormiram bem. E ela falou que, quando elas dormem, entram num estado de Tamas (Inércia, escuridão, preguiça). Então, dormir é estar inconsciente, mergulhado na inércia. Então, ela aconselhava se deitar de costas e relaxar profundamente todas as partes do corpo. Deixar ir embora todos os pensamentos e agitações mentais. E, quando você estiver completamente relaxado, você começa a repetir um mantra. Em outros lugares, as pessoas que são iniciadas no Yoga, que estão buscando uma vida divina, não estão conscientes do que querem. Aí começamos a compreender porque essas pessoas estão aqui no ashram. Então, ela aconselha fazer um relaxamento profundo e repetir o seu mantra, e aí você entra num transe.*

Entrevistador: Você tem prática no Gayatri ou no Om?

Entrevistado: *Todas as manhãs, nós cantamos o Gayatri, nós temos muitos Gayatri. Gayatri é o nome de uma métrica. É um arranjo métrico de duas linhas que nós chamamos de Gayatri. Um Gayatri é considerado o principal, que é conhecido no mundo inteiro. E ele é conhecido, o Gayatri do Rsh Vishamitrii. Todo mundo que estuda o gayatri sabe disso. Neste caso, para um discípulo específico, Sri Aurobindo deu outro Gayatri, então, o mais importante pra nós... (silêncio)... Om tat savitur varam ruupam Jyotih parasya dheemahi yannah satyena deepayet.*

Entrevistador: Você pode falar sobre os benefícios da prática do Om?

Entrevistado: *Sri Aurobindo tem alguns escritos sobre o Om, e muitas pessoas escreveram sobre o Om. É o mantra, ele mesmo. Nós chamamos o som da criação. Eu acho que Sri Aurobindo o chamou de Om criador. Então, ele foi chamado de a música do... uma vez que ele é escutado, a pessoa entra em transe e pode escutar a musica dos... é isso que nós tentamos fazer, reproduzir essa vibração e libertar nossa existência das amarras dos desejos da mente. Esse é o estado de Ananda. Ananda é alegria suprema e também é felicidade.*

Comentários do pesquisador:

Quando questionado sobre o significado do termo mantra, o professor Vrage nos deu a seguinte definição: “O mantra é um som que pode ser cantado ou um conjunto de sons. Tem um significado muito profundo e o som, ele mesmo, tem um poder. Se eu sei o significado e coloco a minha aspiração, eu consigo alcançar as profundezas da minha consciência.” Novamente, vemos aqui a importância que se

dá ao conhecimento do significado do mantra, bem como de uma aspiração pessoal para que os mantras produzam o efeito desejado. Quando perguntado sobre o Gayatri mantra (ou seja, se ele próprio tem utilizado estes mantras), ele nos respondeu: *“Todas as manhãs nós cantamos o Gayatri, nós temos muitos Gayatri. Gayatri é o nome de uma métrica. É um arranjo métrico de duas linhas que nós chamamos de Gayatri.”*

É muito interessante esta definição do Gayatri como métrica. Há uma métrica de mantras, por isso, há diversos Gayatris possíveis: Porque não é apenas um mantra específico, mas sim uma métrica que se repete em diversos mantras.

Diferente do senso-comum, vimos aqui uma importante colocação, a qual define o Gayatri, não como um mantra único, como o famoso e amplamente prática do Gayatri do Rish Vishamitri¹¹ (OM BHUR BHUWAH SWAHA TAT SAVITUR VARENYAM BHARGO DEVASYA DHEEMAHI DHIYO YO NAHA PRACHODAYAT) mas como uma grande variedade de Gayatris. Então, o professor Vrage enfatiza esse comentário dizendo: *“Um Gayatri é considerado o principal, que é conhecido no mundo inteiro. E ele é conhecido o Gayatri do Rsh Vishamitrii, todo mundo que estuda o gayatri sabe disso.”* E segue com sua explanação: *“Neste caso, para um discípulo específico, Sri Aurobindo deu outro Gayatri”*. De novo, aparece aqui a citação ao Gayatri “original” e aquele recebido por Sri Aurobindo (Om tat savitur varam ruupam Jyotih parasya dheemahi yannah satyena deepayet). Então, o professor afirma que, para os discípulos de Sri Aurobindo, esse é o Gayatri mais importante, e percebemos no campo que ele é realmente o mais praticado.

3.2.3 Dr. Narendra - Chefe do departamento de Sânscrito do Sri Aurobindo Ashram- Pondcherry

Entrevistador: O que é Mantra?

Entrevistado: (silêncio)... Ok, estou pensando... O mantra significa Luz da verdade.

Entrevistador: Qual sua prática de mantras?

Entrevistado: Om Ananda Mayi Chaitanya Mayi Satya Mayi Parame.

Entrevistador: Você pode nos falar sobre o Gayatri?

Entrevistado: Recordando Sri Aurobindo, o Gayatri significa: A luz da verdade, nível de plena consciência.

Comentários do pesquisador:

Esse entrevistado nos surpreendeu, em primeiro lugar, pelas respostas altamente sintéticas em relação a outros entrevistados. Sua definição de mantra foi a mais breve que nos foi apresentada, afirmando: “O mantra significa Luz da verdade.”

Percebemos certa proximidade nessa definição das traduções que nos foram apresentadas do Gayatri de Sri Aurobindo. Foi igualmente sucinto quando questionado sobre sua prática: “Om Ananda Mayi Chaitanya Mayi Satya Mayi Parame”. Esse mantra é comum à prática de muitos discípulos, considerado um importante mantra de devoção a Mãe.

3.2.4 Yogaratah Bharatal - Professor de Sânscrito do Sri Aurobindo Ashran

Entrevistador: O que significa Mantra?

Entrevistado: *Mantra em sânscrito significa MANANINA TRAYATE, que significa cantar de novo, e de novo. Através disto, essa força protege você, purifica você, eleva você. E finalmente faz você descobrir a sua verdadeira natureza. Isto é o que significa Mantra. MANANA, MANANINA Tryate, Manana significa canto constante.*

Entrevistador: Qual sua prática pessoal de mantras?

Entrevistado: *Om Ananda Māyi Chaitanya Mayi Satya Mayi Parame. Om Namoh Bhagavate Sri Aurobinvindaya.*

Entrevistador: Você poderia falar sobre o Gayatri, ou o OM?

Entrevistado: *É um lindo Mantra, que todas as manhãs cantamos, energiza todo o seu sistema, purifica o teu ser e te ilumina. E coloca você no caminho da verdade.*

Comentários do pesquisador:

Pela primeira vez, em toda nossa pesquisa, nos foi dada outra definição de Mantra, na qual se usou o termo em sânscrito MANANINA TRAYATE, ao qual o professor entrevistado traduziu como sendo “cantar de novo, e de novo”. Essa importante forma de recitação dos mantras através da repetição é bem conhecida na tradição do Yoga, e tem semelhante forma de prática também em tradições religiosas, como, por exemplo, no Cristianismo, com o uso do terço ou rosário. Subjetivamente, percebemos essa repetição tanto nas orações cristãs, quanto nos vocábulos em sânscrito. Tem como um de seus objetivos criar concentração do

adepto, que resultará num padrão mental, um padrão de pensamentos e percepções que seja superior a nossa mente comum, ordinária, bem como criar uma proteção contra os fluxos de pensamentos comuns, que normalmente povoam a mente. Baseado no Yoga Sutra de Patanjali, onde o primeiro sutra diz justamente “Yoga Citta Vritti nirodah”, ou seja, yoga é a cessação das flutuações da mente, podemos entender que a prática da repetição de mantra nos favorece nesse processo de aquisição da equanimidade mental. Isso nos mostra uma relação intrínseca entre as práticas dos mantras e o yoga.

Quando questionado sobre o *Gayatri* ou o mantra Om, o professor, em outras palavras, resumiu a definição do *Gayatri*, falando do resultado da sua prática como: Traz energia pra todo o seu sistema; auxilia na purificação do ser e te ilumina, te conduzindo para o caminho da verdade.

3.2.5 Madhumita Patnaik

Madhumita Patnaik é ashramita e professora de dança do Sri Aurobindo Ashram-Pondicherry. Ela foi nossa primeira entrevistada e se mostrou bastante disponível para ajudar na pesquisa, levando-nos a lugares normalmente proibidos para turistas, e nos apresentando a pessoas de expressão no Ashram de Sri Aurobindo.



Figura 18 - Madhumita é a primeira dançarina, da esquerda para a direita. Foto tirada em sua residência, em Pondcherry, Índia.

Entrevistador: O que é Mantra?

Entrevistada: *Para mim, o mantra é como invocar a presença da Mãe, e ser envelopado (protegido) por ela. Como um cobertor para mim, quando estou dentro do Mantra.*

Entrevistador: Qual sua prática pessoal de Mantra?

Entrevistada: *Dependendo da ocasião, às vezes, eu uso Ma Mira Sharanam Ma Ma, Sri Aurobindo Sharanam Ma Ma, **Ananda Mayi Chaitanya Mayi Satya Mayi Parame.***

Entrevistador: Obrigado!

Entrevistada: *Não, não, espere. Para o seu conhecimento, eu posso lhe emprestar um livro para ler sobre mantras, e você pode estudá-lo e nos encontramos outros dias.*

A entrevista termina aqui, mas tivemos vários outros encontros informais nos quais a entrevistada me apresentou a vários mestres importantes dentro do Ashram, que também fazem parte do corpo dos entrevistados. Madhumita nos convidou pra um jantar na casa de seus pais, onde fomos recepcionados com dança clássica indiana. Depois tivemos a oportunidade de mostrar um pouco da nossa cultura, onde demonstramos um pouco da capoeira e do samba. Então, estivemos na presença de seus pais, e toda a família com um jantar indiano, com comidas típicas daquela região da Índia. Em suma, Madhumita pode ser considerada a principal responsável por nos possibilitar um contato direto com vários nomes de expressão no Sri Aurobindo Ashram.

Comentários do pesquisador:

Nossa primeira entrevistada na Índia definiu o mantra como uma forma de invocar a presença da Mãe e ser protegida por essa presença. Esse tem sido um aspecto interessante do mantra, criar, através de sua prática, uma espécie de proteção, que livra o adepto de suas dificuldades.

Quando questionada sobre sua prática pessoal, a professora Madhumita dizia ter prática nos seguintes mantras: Ma Mira Sharanam Ma Ma, Sri Aurobindo Sharanam Ma Ma, Ananda Mayi Chaitanya Mayi Satya Mayi Parame. Percebe-se, pela citação, que a mesma tem uma vivência de mantras totalmente envolvida no Yoga Integral, pois esses são mantras de reverência aos mestres desse Yoga.

3.2.6 Madhusudan Mahapatra - Professor de Sânscrito do Sri Aurobindo Ashran-Pondicherry

Entrevistador: O que significa Mantra?

Entrevistado: *O Mantra é pra mim uma palavra divina e me ajuda a crescer em espiritualidade.*

Entrevistador: Qual sua prática de mantras?

Entrevistado: *Eu pratico mantra todos os dias. E medito quando eu faço meu pranayama. Mesmo quando eu me sinto doente, eu repito isso e me sinto energizado. Pra mim, é um momento feliz quando eu repito meu mantra.*

Entrevistador: Seu mantra pessoal?

Entrevistado: *Às vezes, o meu mantra pessoal, e às vezes, eu repito o mantra dado pelo meu Guru.*

Entrevistador: Você tem prática do Gayatri Mantra?

Entrevistado: *Sim, o Gayatri mantra está lá, é um mantra muito popular na Índia. E agora nós vamos falar do Gayatri mantra de Sri Aurobindo, que é mais inspirador e mais profundo que o mantra Gayatri védico. Usualmente, no ashram, nós repetimos o Sri Aurobindo gayatri: Om tat savitur varam ruupam Jyotih parasya dheemahi yannah satyena deepayet. O significado do mantra está ali.*

Comentários do pesquisador:

O professor Madhusudan define mantra como “palavra divina”, que seria responsável por seu desenvolvimento espiritual. Ele se utiliza do mesmo conceito de VAC, que apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação.

Sobre sua prática pessoal, ele afirma ser esse um momento feliz do seu dia e mesmo quando ele está doente, o mantra o ajudaria a dispor de mais energia. Então, para ele, o mantra é também uma forma de se energizar, adotando, assim, um significado de cura. Ou seja, não é uma prática para ser feita somente para pessoas em seu perfeito estado físico/mental, pelo contrário: até nos momentos de doença pode e deve ser praticado. Para Madhusudan, enquanto adepto, mesmo reconhecendo a popularidade do Gayatri mantra védico, ele afirma que o Gayatri de Sri Aurobindo é, em suas palavras: “mais inspirador e mais profundo que o mantra Gayatri védico.”

Segundo nossa pesquisa de campo, percebemos que essa importância maior atribuída ao Gayatri de Sri Aurobindo se dá, justamente, por ter sido este recebido pelo Guru, com o qual estes adeptos estão conectados. Isso ressalta a importância da tradição Guru-discípulo neste contexto da prática dos mantras. Por isso,

percebemos que esse é o Gayatri, notoriamente mais praticado entre os adeptos ashramitas.

3.2.7 Debiprassad Pramanik

Debiprassad é professor de Asanas e Pranayama do Sri Aurobindo Ashram Delhi Branch, em Nova Delhi, e professor da International Mother School.



Figura 19 - Deby Prasad e Roberto Miranda, em refeitório do Sri Aurobindo Ashram Delhi Branch.

Entrevistador: O que significa mantra?

Entrevistado: O mantra é um som, mas existem diversos tipos de som. Os mantras têm muitos acentos, e dependendo da entoação do mantra, há muitos acentos. Mantra não é meu assunto principal, meu assunto é asana e pranayama. Mas eu gosto de ler sobre Mantra, eu gosto de entoar e gosto de caminhar sobre o mantra. Então existem diferentes graus de Mantras, tem um mantra para ser cantado de manhã, como, por exemplo... (Nesse momento, o entrevistado entoia alguns mantras em sânscrito que não foram possíveis de ser compreendidos.) Com exceção dos mantras: Om Santih, Santih, Santih e um trecho do mantra Svasti Pathah: Om

*purnamadah purnamidam purnatpurnamudacyate purnasya purnamadaya
purnamevavasisate Om Santih Santih Santih.*

...

Há também o mantra para ser sussurrado. E também há o canto mental, então você vai estar apenas cantando na sua mente. E há o grau mais elevado, que é quando você sente o mantra no seu coração. No seu coração, você pode sentir que o mantra está acontecendo espontaneamente... e também há alguns mantras que são muito curtos, que são chamados de Bija Mantras. São muito fortes, como os mantras dos chackras e eles afetam diretamente os chacras como o Lam, Vam, Ram... Estes são os mantras dos Chachras.

Entrevistador: Qual a sua prática pessoal de mantras?

Entrevistado: *Veja, na religião indiana, eles têm tradição. E não no Yoga de Sri Aurobindo, porque o Yoga de Sri Aurobindo não é considerado totalmente tradicional. Mas Sri Aurobindo fala que não há nada que devemos rejeitar. Então, para seguir o Yoga de Sri Aurobindo, tem muitas práticas de aspiração, e a aspiração não se dá apenas por meditação ou por práticas corporais. Então, se você sente que está tendo bons resultados com Raja Yoga; Hatha Yoga; Mantra Yoga; laya Yoga; Tantra Yoga; Bhakti Yoga, Karma Yoga, você pode utilizá-las. Mas, na tradição indiana, é muito importante o mestre, o Guru e o discípulo. Existem as iniciações, o estudante tem que tomar a iniciação do Guru. Na Índia, a iniciação é chamada de Diksha. O estudante tem que tomar a iniciação do Guru. Guru é um professor, e o Guru aceita o discípulo de um ritual. Na tradição, existem muitos tipos de Diksha e a mais famosa é a Mantra-Diksha. O Guru percebe o seu ser interior e, de acordo com seu ser interior, ele te dá um mantra. Então, é uma coisa muito pessoal. O Mantra que o Guru dá pro discípulo é secreto. O Guru deve sussurrar no ouvido do discípulo. Então, esses mantras evocam deidades como Lord Siva, Lord Vishnu ou qualquer outra deidade. Esses mantras são do tipo: Om Namah Sivaya, Om Vasudevaya namah, Om Namo Bhagavate... Esses são os mais importantes e tradicionais. No entanto, existem muitas maneiras de praticá-los. A maioria dos discípulos costuma praticar mantras com japa-mala. Na tradição do Sri Aurobindo, nós não temos essa iniciação. Mas quando eu era jovem, por volta de 13 ou 14 anos, eu recebi um mantra-diksha de um sanyasim da linhagem de Sri Ramakrishnan. Seu nome era Swami Ramananda Maharaj. Então, eu recebi Diksha dele e ele me disse: Você não precisa praticar isso com o mala, mas você tem que praticar constantemente. Você não precisa usar Japa, porque esse mantra vai ficar com você. Você apenas deve estar consciente disso. Você apenas fica consciente deste mantra. Eu costumava ler os livros de Sri Ramakrishna, então, às vezes, me perguntavam se o mantra estava acontecendo internamente em você, e eu dizia que, mesmo dirigindo, por exemplo, estava consciente dele. Então, sempre antes de dormir, eu me certificava que internamente o mantra estava acontecendo. Então, essa é a maneira bonita de canto interno, que eu aprendi com meu Guru.*

Comentários do pesquisador:

Em importante passagem da entrevista, o professor Debiprassad nos fala sobre as diferentes dimensões dos mantras. Das diversas formas conhecidas, ele cita quatro delas dizendo: “Então existem diferentes graus de Mantras, tem um mantra para ser cantado de manhã, como por exemplo... há também o mantra para

ser sussurrado. E também há o canto mental, então você vai estar apenas cantando na sua mente, e há o grau mais elevado, que é quando você sente o mantra no seu coração”.

Então, dentre essas diferentes formas de praticar os mantras, ele cita, como sendo a mais “elevada”, aquela onde o som é percebido no “coração” do praticante. Observamos que o “Rig Veda” significa “sabedoria das estrofes recitadas”, ou seja, a antiga tradição da Índia já trabalhava com esta recitação como forma de ir introduzindo o mantra, até que ele alcance seu estado mais elevado de interiorização, que vai se sutilizando da vocalização, ao sussurro, ao mantra mental, até àquele que é “ouvido” no coração do sadhaka. O professor Debiprassad comenta que, no Yoga de Sri Aurobindo, não há nada que devemos rejeitar, o que remonta ao próprio “método” do yoga integral, ou seja, a ausência de um método. O que fica mais uma vez explicitado aqui é a força da aspiração para esse Yoga, onde qualquer vivência que a desenvolva (a aspiração) deve e pode ser seguida: “Mas Sri Aurobindo fala que não há nada que devemos rejeitar. Então, para seguir o Yoga de Sri Aurobindo, tem muitas práticas de aspiração, e a aspiração não se dá apenas por meditação ou por práticas corporais. Então, se você sente que está tendo bons resultados com Raja Yoga; Hatha Yoga; Mantra Yoga; Laya Yoga; Tantra Yoga; Bhakti Yoga, Karma Yoga, você pode utilizá-las”. Essa afirmação é muito importante, e aqui ele expressa, de forma simples e direta, a essência do Yoga Integral, a qual já abordamos e discutimos bastante no capítulo anterior.

O entrevistado fala também da importância da tradição mestre-discípulo, onde o mantra está presente na maioria das iniciações dessa tradição, chamados de mantra-diksha, quando o mestre ou Guru sussurra no ouvido do discípulo um mantra que o ajudará no seu despertar espiritual. O professor lembra que esta não é uma prática do Yoga de Sri Aurobindo, o que talvez seja explicado pela atual ausência física dos seus Gurus, pois, em outras ocasiões, tivemos relatos de discípulos que receberam diretamente da Mãe e de Sri Aurobindo seus mantras pessoais. Isso fica explicitado, por exemplo, na entrevista com a professora de línguas, Lataji, que recebeu da própria Mirra Alfassa (Mãe) seu mantra pessoal.

Lembramos que esta tradição Guru-Discípulo remonta a Índia Antiga, do período dos Upanishad - termo que significa justamente “sentar-se perto devotamente”.

Segundo Carlos Alberto Tinoco:

A palavra Upanishad é de origem sânscrita, cuja etimologia significa (upa+ni+shad) sentar-se com humildade, em plano inferior, para ouvir. Trata-se de uma alusão ao fato do discípulo sentar-se aos pés do mestre, com humildade, para ouvir (TINOCO, 2013, p. 14).

Assim, o mantra-diksha consiste justamente nesse processo de aprendizado através do mantra, enunciado pelo Guru ao seu discípulo dedicado.

3.2.8 Karunamayee – Mestra de Mantras do Sri Aurobindo Ashram Nova Delhi



Figura 20 - Roberto Miranda recebendo, das mãos da mestra Karuna Mayee, certificado de curso sobre mantras.

Entrevistador: O que significa Mantra?

Entrevistada: *O Mantra é como uma semente de som, que canaliza essa energia, e ela tem todas as qualidades potenciais de uma árvore, com seus galhos, folhas, frutos e sementes. E tem a capacidade de nos satisfazer plenamente, e também de providenciar novas sementes e frutos. Então, Mantra é esse som, que tem infinitas possibilidades.*

Entrevistador: Qual sua prática pessoal de Mantras?

Entrevistada: *Você quer saber qual meu mantra favorito? Eu amo vários mantras, mas o Om é o rei dos mantras, porque esse é o som através do qual o divino se manifesta. A completa manifestação está permeada por esse som.*

Entrevistador: Você poderia falar sobre o Gayatri Mantra e o Gayatri de Sri Aurobindo?

Entrevistada: *O som... você deveria justo agora se concentrar no próprio som, em como ele vibra em você, então, como eu disse, concentre-se no som agora... (silêncio) Om bhuh, bhuvah, suvah Tat savitur Varenyam Bhargo Devasya Dhimahi Dhiyo Yo Nah Prachodayat. (Neste momento, ela pediu que eu repetisse o Mantra com ela) Então, ela afirmou: O som deve sair como uma chama, e quando você entoar o mantra sentado numa postura meditativa essa chama deve subir, porque som é luz, o som é luz e com a respiração você consegue. Om Tat savitur varam Ruupam Jyotih parasya Dheemahi Yannah Satyena Deepayet. (Mais uma vez, ela pediu que repetíssemos o mantra com ela).*

Comentários do pesquisador:

A entrevistada nos oferece uma definição muito interessante sobre o mantra: “O Mantra é como uma semente de som, que canaliza essa energia, e ela tem todas as qualidades potenciais de uma árvore, com seus galhos, folhas, frutos e sementes.” Em suas palavras, podemos entender o mantra como o potencial energético de infinitas possibilidades. Como uma pequena semente que guarda em suas partes: galhos, folhas, frutos e sementes, toda a energia capaz de gerar uma “árvore” e atuar também no desenvolvimento de novas “árvores”.

Além disso, o conceito de mantra-semente está expresso nos próprios Bija-mantras, sobre os quais já tecemos alguns comentários no primeiro capítulo. Ela afirma que esse potencial energético tem a capacidade de nos “satisfazer plenamente” e essa satisfação e plenitude. Então, podemos considerar como um dos objetivos da prática dos mantras.

No trecho “O som deve sair como uma chama, e quando você entoar o mantra sentado numa postura meditativa essa chama deve subir, porque som é luz” Vimos, neste trecho, uma concepção muito próxima ao ideal tântrico de um despertar do Ser. E, nessa ascensão do som, podemos traçar um paralelo com a própria noção de ascensão da energia Kundalini, presente na tradição do Tantra-yoga. (GNERRE, 2013, p. 114)

3.2.9 Latajiji - Professora de línguas do Sri Aurobindo Ashran – Pondicherry

Latajiji é professora de línguas do Sri Aurobindo Ashran – Pondicherry, que teve contato direto com a Mãe e Sri Aurobindo. Seu pai, Shri S.N. Jauhar, conhecido como Faquir, foi o fundador da filial do Sri Aurobindo Ashram em Nova Delhi, o Sri Aurobindo Ashram Delhi Branch. Trata-se de uma das mais importantes professoras de línguas do Ashram, e hoje é uma senhora idosa que, com seus mais de noventa anos, sempre a encontramos caminhando pelas ruas da cidade de Pondicherry, sendo sempre solícita e simpática.

Entrevistador: O que é Mantra, qual seu significado?

Entrevistada: *Mantra são palavras, ou uma frase muito curta, que se pode repetir continuamente para ajudar as pessoas a conseguir o que querem, e cada um pode ter seu mantra pessoal, mas existem os mantras mais conhecidos que nós repetimos em grupos. Então, esses mantras que podem também ajudar uma sociedade, todos juntos... um grupo. São mantras que vêm dos livros antigos de filosofia, Veda Shastra, que é muito conhecido, que é eterno.*

Entrevistador: Gostaria de saber qual sua prática pessoal de mantras?

Entrevistada: *Gosto de vários mantras, mas pra mim não é um mantra de sânscrito, mas o mantra que me deu a Mãe, mas é em francês. Eu pedi esse mantra e ela me deu escrito em francês.*

Entrevistador: Você pode cantar esse mantra?

Entrevistada: *Não, não se canta. Se repete, é uma frase prosa, não é poética. Mas ninguém sabe.*

Entrevistador: Ah, não se pode falar. É segredo?

Entrevistada: *Ela falou de uma coisa que é necessário para a pessoa mudar na vida, e me falou que “esse mantra pra você, você precisa”.*

Entrevistador: E sobre o Gayatri, a senhora poderia me falar alguma coisa?

Entrevistada: O Gayatri é um mantra eterno, no mundo inteiro. Todos que não sabem inglês, ou não sabem sânscrito conhecem esse mantra. Esse mantra tem um poder muito forte, que penetra a gente para poder mudar o caráter da pessoa, também a vida, e também se pode sair dos muitos problemas que se oferecem pelo mundo.

Nota do pesquisador:

Como a professora Latajiji era fluente em diversos idiomas, entre eles, o português, preferiu nos dar a entrevista em português. O que, a princípio, deixou-nos satisfeitos, embora logo se mostrou ser um fator limitante durante o diálogo, pois a professora não tinha o hábito de falar português. Aliás, nas editoras e livrarias

ligadas aos ashrams do Yoga Integral, existem poucas publicações de livros para a língua portuguesa, o que não acontece com muitos outros idiomas.

Comentários do pesquisador:

Lata foi uma discípula direta da Mãe, que nos disse ter recebido dela o seu mantra pessoal, em idioma francês. Isto nos evidencia o Mantra como uma vibração sonora mais abrangente, que não seria uma prática restrita ao sânscrito, mas também em línguas estrangeiras, como no caso dela, o francês. Lembrando que essa era a língua de origem da Mãe (Mirra Alfassa), e também era o idioma dos colonizadores daquela região, local onde se formou o ashram.

Sobre esse mantra, a entrevistada confirmou o seu caráter confidencial. O mantra pessoal, que deveria servir apenas ao discípulo ao qual ele foi revelado. Com relação a este caráter confidencial, acreditamos ser uma forma de preservar o valor espiritual ao qual o mantra está inserido, bem como a relação de confiança no contexto dos ensinamentos passados do Guru para o discípulo “escolhido”. Para a entrevistada, a Mãe teria dado um mantra que seria responsável por sua transformação pessoal, que era necessário para ela “mudar de vida”.

3.3 ENTREVISTAS COM OS BRASILEIROS

3.3.1 Professor Horivaldo Gomes-RJ

Horivaldo Gomes é yogaterapeuta e professor de Yoga há 30 anos. É presidente da Associação Nacional de Yoga Integral (ANYI) e da Federação de Yoga do Estado do Rio de Janeiro. É autor de vários livros, como “Práticas do Yoga”, “Yoga Integral – o Yoga da Nova Era”, “Purna Yoga”, “Gotinhas de Luz” e “Magia das Velas”. Recebeu sua iniciação no Yoga Integral (Purna Yoga), em Pondicherry, no Sri Aurobindo Ashram, na Índia.

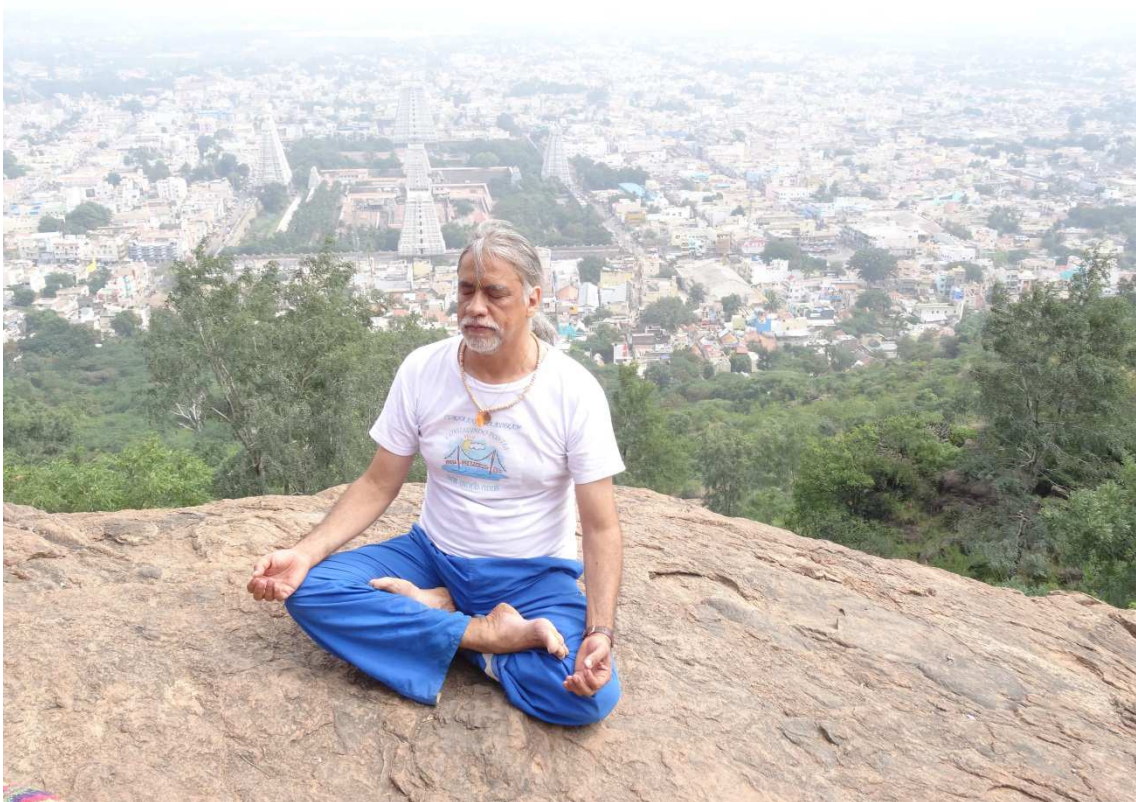


Figura 21 - Professor Horivaldo Gomes meditando no alto da montanha de Arunachala em Tiruvanamalai- Índia.



Figura 22 - Roberto Miranda e Horivaldo Gomes em meditação na montanha Arunachala.

Entrevistador: Então, eu vou entrevistar o Mestre Horivaldo Gomes... O que é Mantra?

Entrevistado: *Então, o Mantra pra mim é um Devadatha, é uma dádiva de Deus para a humanidade. A palavra Man significa pensamento e tra é direcionar, é parar o pensamento, é ir além do pensamento, quer dizer, é você colocar o pensamento acessando a divindade, o Ser. Então, o Mantra tem uma origem no sagrado, e essas almas elevadas levam as pessoas de volta a sua essência espiritual, através dessas palavras de poder, que ajudam a elevar essa consciência, onde normalmente no ser humano comum. Ela vive rastejando, ruminando no seu ego, nos seus problemas, então, a palavra, muitas vezes, é usada até para ofender o próximo. Então, no mantra, aí a palavra é usada para elevação, para conexão. Então, o mantra que vem como eu falei de almas, e vai pra tua alma. Que vieram dos rshis que estavam em conexão com algo muito superior. Esses mantras de mestres, por exemplo, que estão elevando pra essa fonte de sabedoria que é o nosso Ser. É claro que os mantras podem harmonizar a pessoa, muitas vezes, você pode equilibrar os elementais de sua natureza, você pode se harmonizar, você pode se curar com um mantra. Tem mantras, por exemplo, para abundância, para prosperidade. Principalmente, porque você tá entrando em contato com forças divinas, forças de cura, forças de paz, de libertação, forças do amor. Chamam essas forças divinas que são poderes do próprio espírito. Você vai vibrando esses mantras e vai acessando essas frequências elevadas do Ser. Então, pra mim, o mantra é realmente a maior chave para a expansão da consciência, para o encontro com a alma, com o cerne do Ser, o essencial que os hindus chamam de atman.*

Entrevistador: Qual a sua prática pessoal de mantra?

Entrevistado: *É interessante que pessoalmente eu uso muitos, mais muitos mantras. Primeiro, pra mim, eles purificam a natureza, a qual eu estou encarnado, eles ligam a aspiração da minha alma que faz a conexão com a alma universal. Então, eu uso o mantra, não só para me purificar aqui na terra, mas também pra me elevar até os céus. Eles purificam a minha natureza mais baixa e fazem eu me conectar com a minha natureza mais alta, mais elevada. Eu utilizo vários mantras que tocam a minha alma. Eu não fico muito preso a nada. Eu procuro ficar aberto pra ver qual é o mantra que tá me tocando hoje, qual o mantra que tá me levando pra esse sagrado, ele se revela pra mim, daí eu começo a cantar. No sangha, eu não escolho o mantra, o mantra é que me escolhe. Ele chega até mim e se revela, eu só canalizo. Eu faço só o esforço de não atrapalhar a energia do mantra... risos... Então, eu uso nas minhas práticas todos os mantras que me lembram da divindade, não fico preso a nenhum mantra, ele é que me prende... risos...*

Comentários do pesquisador:

Gostaríamos de ressaltar aqui que a entrevista com o professor Horivaldo é autoexplicativa, uma vez que este fala português e desenvolve seus próprios conceitos, sendo um dos mestres de Yoga mais reconhecidos do Brasil.

O professor Horivaldo inicia sua primeira resposta dizendo: “Mantra pra mim é um Devadatha, é uma dádiva de Deus para a humanidade. A palavra *Man* significa

pensamento e *tra* é direcionar, é parar o pensamento, é ir além do pensamento, quer dizer, é você colocar o pensamento acessando a divindade, o Ser”. Vemos, neste trecho, pela primeira vez no campo, um entrevistado que define o mantra como este, sendo uma “Dádiva de Deus”, o que está intimamente ligado a uma das características principais desse Yoga, a “Graça”, uma resposta da divindade ou do divino à aspiração do sadhaka.

No fim da primeira resposta, o professor deixa explícito a importância que o mantra tem em seu sadhana afirmando: “Então, pra mim, o mantra é realmente a maior chave para a expansão da consciência, para o encontro com a alma, com o cerne do Ser, o essencial, que os hindus chamam de atman”, reconhecendo, assim, no mantra um grande poder para acessar uma consciência superior, uma “chave” para o encontro com o Ser.

Aprofundaremos aqui o conceito de “recebimento” dos mantras. Nessa passagem, onde questionado sobre sua prática pessoal, Horivaldo, mais uma vez, desenvolve este sentido do mantra como algo canalizado, ou revelado pela divindade, como um fruto da receptividade do praticante, onde o esforço é feito somente para não atrapalhar o processo de percepção da chegada desses mantras. Assim, ele prossegue: “No sangha, eu não escolho o mantra, o mantra é que me escolhe. Ele chega até mim e se revela, eu só canalizo. Eu faço só o esforço de não atrapalhar a energia do mantra...risos... Então, eu uso nas minhas práticas todos os mantras que me lembram da divindade, não fico preso a nenhum mantra, ele é que me prende risos...”

3.3.2 Ana Beatriz Ribeiro (Tilak) - Instrutora de Yoga-RJ

Entrevistador: O que é Mantra para você?

Entrevistada: *Bom, Mantra para mim,.. mantra significa palavras de poder. Então, o mantra é uma maneira mais rápida de você alterar sua consciência e de você alterar sua vibração. Quando você sente que está com um pensamento negativo ou tá com a vibração baixa. Eu uso o mantra pra isso, para alterar essa vibração da consciência e para acessar os poderes da sua alma. Se conectar novamente com que há de melhor em você.*

Entrevistador: E quais são os mantras que você pratica, se tem prática pessoal de mantras?

Entrevistada: *É... eu acho o mantra Om muito forte, principalmente se ele for bem feito, e você cantar só o mantra Om para uma pessoa, seja para um aluno ou não. Só o mantra Om já espanta qualquer vibração negativa, faz uma limpeza na aura da*

peessoa. E outro mantra que eu gosto muito é o mantra Hare Krishna, o maha-mantra né, porque para mim é a energia de amor. Te conecta com seu coração, que é mais importante.

Comentários do pesquisador:

“Só o mantra Om, ele já espanta qualquer vibração negativa, faz uma limpeza na aura da pessoa.” Veja que, nesta afirmação, a entrevistada atribui ao Om um significado de proteção e de “espantar vibrações negativas”. O Om é visto por ela como uma espécie de escudo energético, ou amuleto. Esse conceito é bem característico da nossa cultura brasileira, e está presente nas religiões afro-brasileiras, por exemplo, o que demonstra um processo de introjeção do mantra de uma forma sincrética em nossa cultura.

3.3.3 Ana (Arati) - Instrutora de Yoga-RJ



Figura 23 - Instrutora Arati no templo de Durga, ao norte da Índia, ao fundo, os Himalaias.

Entrevistador: O que é mantra pra você?

Entrevistada: *Então, para mim, Mantra é a forma mais rápida de me conectar, de eu conseguir trocar a frequência, tanto pra.... praticamente isso mesmo, trocar a frequência, encontrar um lugar mais calmo, um espaço de paz e tranquilidade dentro de mim. É a maneira mais fácil pra mim, mais rápida, mais eficaz.*

Entrevistador: E qual sua prática pessoal?

Entrevistada: *Assim, o que eu uso mais, que tem o efeito mais rápido é o Om, mas eu gosto muito do Gayatri, também uso bastante, e nada como o Om Namah Sivaya de vez em quando pra dar uma levantada também. É isso.*

A instrutora de Yoga Arati nos traz uma definição do mantra como uma forma de acesso à paz e à tranquilidade interior, uma forma de conectar com um estado de calma e serenidade. Ela foi a primeira entrevistada que citou um importante mantra da tradição Shivaísta, o Om Namah Sivaya, um importante mantra de reverência a Shiva, o “Deus”, que é considerado o criador mítico do Yoga, aquele que, dentro da trindade Hindu (Brahma, Vishnu e Shiva), é responsável que aspecto destruidor do universo, que adquire um caráter de transformação ou renovação para os seus devotos.

3.3.4 Ramai Pandita Das (Ronald Regis) - Instrutor de Yoga Integral da ANYI

Entrevistador: Agora o Ramai vai falar pra gente o que é Mantra?

Entrevistado: *Mantra é uma palavra do Sânscrito, com duas raízes que significam Man (Mente), Tra (o que liberta a Mente). Então, mantras são palavras em sânscrito que limpam a mente, que libertam a mente dos desejos que o mundo material nos impõe, isso é o significado da palavra mantra.*

Entrevistador: E sua prática pessoal de Mantra?

Entrevistado: *Como devoto de Krishna né, vaishnava. Eu pratico 108 vezes o “Maha Mantra” Hare Krishna, em 16 etapas, dando mais de 1700 vezes por dia o Maha Mantra (Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna hare hare, hare Rama hare Rama Rama Rama Hare Hare), e, além desse mantra que é o Maha Mantra, o mantra básico né. Como iniciado Vaishnava, em iniciação bramânica, eu devo praticar 3 vezes o Gayatri Mantra completo, que só os devotos sabem qual é o mantra. Ele é secreto por causa disso, poucos sabem, e ele é feito às 6hs da manhã, às 12hs e às 18hs, no pôr do Sol. Essa é a minha prática diária de mantra.*

Comentários do pesquisador:

O entrevistado nos dá a seguinte tradução do termo “Man (Mente), Tra (o que liberta a Mente). Então, mantras são palavras em sânscrito que limpam a mente.” É uma definição importante do termo a partir do Sânscrito.

Este é o primeiro entrevistado que cita o maha-mantra de Krna, que apresentamos no primeiro capítulo: *Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna hare hare, hare Rama hare Rama Rama Rama Hare Hare*. Isso se deve justamente à sua relação com a tradição vaishnava da linhagem de Prabhupada.

3.3.5 Jocelina Vieira (Jô) - Govinda - Instrutora de Yoga da ANYI

Entrevistador: O que é Mantra?

Entrevistada: *Mantras são palavras, ou frases, ou mesmo versos, que servem para deixar sua mente mais conectada com o Divino e também acalmam seu coração.*

Entrevistador: Qual sua prática pessoal?

Entrevistada: *Eu pratico Om Shakti Om Siva pra resolver situações, com o japa-mala, mantrando essas duas, esses dois versos, resolver situações, e... O Gayatri também. Gosto, para limpeza profunda do Ser, aura, do corpo, da mente. O Gayatri é um Mantra de limpeza, e geralmente eu pratico pela manhã, logo que o Sol nasce.*

Comentários do pesquisador:

A professora Jocelina afirma que um de seus mantras mais praticados é o Gayatri, ao qual ela atribui poderes de purificação: “do Ser, aura, do corpo e da mente”. Uma das formas mais tradicionais de praticar o Gayatri mantra é a sua recitação pela manhã, logo ao nascer do Sol. No depoimento: “O Gayatri é um Mantra de limpeza, e geralmente eu pratico pela manhã, logo que o Sol nasce”, a entrevistada afirma sua prática pela manhã, justamente considerada a hora sagrada na Índia, denotando a continuidade desta tradição no Brasil.

3.3.6 Suzete Issa Foligno (Suzi) - Samata - Instrutora de Yoga (Rio de Janeiro)

Entrevistador: O que é Mantra?

Entrevistada: *O mantra pra mim são palavras de uma língua sagrada, em sânscrito, creio que a língua mais antiga, e que agem na psique, no mental, né, reafirmando é pensamentos.*

Entrevistador: E qual sua prática pessoal?

Entrevistada: *Atualmente, eu utilizo muito o gayatri, principalmente pela manhã, e às vezes no final da tarde. E na hora, antes da meditação eu utilizo o Om.*

Comentários do pesquisador:

A professora Suzi é mais uma que nos relatou a presença do Gayatri mantra em sua prática pessoal, o que nos mostra ser esse um dos mais difundidos mantras védicos. Por esse motivo, mantivemos, no primeiro capítulo, um relato mais profundo sobre este mantra, pois podemos observar aqui também sua importância no contexto do Yoga entre os praticantes brasileiros.

3.3.7 Maria Fernanda Trindade Ramos – Nandi - Instrutora de Yoga Integral (Salvador)

Entrevistador: O que é um Mantra, pra você?

Entrevistada: *Mantra, além de ser uma forma de conexão com o Divino, ele no meu caso funciona pra limpar realmente a minha mente, que é meio tumultuada; e na hora de meditar, antes de meditar, eu preciso fazer um mantra pra me concentrar, pra entrar numa vibração que me permita fazer a meditação de forma real, então, eu uso muito pra isso. E também nos momentos que eu tô mais agitada, pra me tranquilizar. Basicamente é isso.*

Entrevistador: E você tem uma prática né, qual a sua prática pessoal de Mantra?

Entrevistada: *O que eu faço todo dia é o Om, e variam os outros. Faço alguns dias o Japa mala, mas não todos os dias, e faço alguns que são os bija mantras, e também faço o Gayatri, eu gosto muito. Normalmente eu pego, tem uma gravação de Prem Baba com 108 vezes, então, eu uso bastante pra ouvir e pra fazer junto. E é o que eu normalmente faço, eu uso o gayatri muito, os bija mantras e o Om.*

Comentários do pesquisador:

Nossa última entrevistada, a instrutora Nandi, disse que, para ela, o mantra funciona para limpar sua mente, que o mantra teria esse efeito desejado, mesmo que ela identifique sua mente como sendo: "meio tumultuada" o que, mais uma vez, caracteriza o mantra por seu aspecto de purificação, ou de limpeza.

Nandi nos trouxe também mais um relato da prática do Gayatri Mantra: "e também faço o Gayatri, eu gosto muito, normalmente eu pego, tem uma gravação de Prem Baba com 108 vezes." Aqui, temos uma referência a Prem Baba. Prem Baba é um brasileiro que assumiu, no contexto indiano atual, o posto de um importante Guru, um mestre espiritual da antiga linhagem Sachcha da Índia. Ficando a cargo de assumir o lugar de Sri Hans Raj Maharaj ji quando da sua morte. O principal Ashram de Prem Baba está localizado na cidade de Rishkesh, onde também podemos ver o quanto este mestre é reconhecido como um Guru, pois, em vários locais de comércio ou residências, sempre encontramos sua imagem e o reconhecimento pelos indianos de um Guru Brasileiro.



Figura 24 – Prem Baba, guru brasileiro, muito reconhecido em Rishkesh, ao lado da Bandeira do Brasil, num comércio.

Encerramos aqui nossa apresentação das entrevistas e de alguns comentários que fizemos para cada entrevistado em particular. Consideramos que este talvez tenha sido o mais envolvente capítulo de nossa dissertação, pois tentamos aqui trazer um pouco da experiência prática dos mantras que vivemos em campo, daquilo que não está descrito na literatura sobre o tema. Consideramos que as entrevistas nos trouxeram informações muito relevantes para aprofundamento do tema, e estas informações ainda poderão ser mais desenvolvidas em pesquisas futuras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa versou sobre a tradição dos mantras no contexto do yoga Integral de Sri Aurobindo. Tendo a tradição dos mantras pertencida essencialmente a uma cultura oral durante milênios, muitas das informações relevantes a seu respeito continuam até hoje sendo passadas de mestre a discípulo na Índia.

No Ocidente, percebemos uma grande utilização dos mantras por meio dos praticantes de diversas linhas de Yoga, embora percebemos que, em sua prática, há ainda pouca informação sobre esta tradição através de textos escritos. Assim, o entendimento sobre este amplo universo cultural dos mantras na Índia permanece ainda envolto em névoas e restrito a poucos adeptos de determinadas linhagens, que têm a possibilidade efetiva de vivenciar esses mantras na presença de mestres.

Assim, vemos que a grande valia de nosso trabalho foi descortinar e possibilitar a praticantes brasileiros e pesquisadores da academia o acesso a algumas concepções e práticas mântricas de mestres de indianos, que, na maioria das vezes, nunca tiveram suas opiniões e práticas reveladas, bem como traduzidas para o português. Dessa forma, nossa pesquisa possibilita o acesso a um conjunto de entrevistas e informações inédito no contexto das pesquisas nas Ciências das Religiões e da academia brasileira.

Dentre este vasto contexto dos mantras, debruçamo-nos, especificamente, sobre a tradição do yoga integral de Sri Aurobindo. Percebemos que, neste Yoga, não há uma indicação de prática formal de mantras, ou seja, não há um rito com mantras específicos a serem seguidos. Porém, em campo, identificamos uma frequente prática de mantras por parte da maioria dos devotos. Mantras esses citados várias vezes ao longo das entrevistas.

O campo, então, mostrou-se fundamental para revelar uma vivência que não seria tão acessível através dos livros sobre o Purna Yoga, ainda mais se levarmos em conta o fato de que a maioria dos livros sobre Purna Yoga encontra-se em inglês ou línguas indianas.

Também tentamos elucidar questões sobre a prática de mantras no contexto do Yoga Integral no Brasil, através de algumas entrevistas com praticantes brasileiros que estavam na Índia. Devemos notar que estes praticantes brasileiros se utilizam de diversos mantras, não apenas aqueles mencionados pelos mestres e praticantes indianos do Purna Yoga. Por isso, o primeiro capítulo desta dissertação

versa sobre a tradição dos mantras numa perspectiva mais generalizante do que aquela que encontramos no universo do Yoga Integral. Assim, acreditamos que nosso trabalho também pode contribuir para o melhor entendimento dos mantras no contexto da prática do yoga no Brasil, onde a prática de mantras está inserida em diversas aulas de Yoga.

Nossa pesquisa foi um relato de uma experiência vivida no Brasil e na Índia, de um pesquisador participante com alguns anos de prática de yoga e aprofundamento no Yoga integral. Por um lado, reconhecemos nosso envolvimento com o tema pesquisado, e justamente este envolvimento nos possibilitou adentrar mais a fundo em determinadas questões e vivências práticas. Por outro lado, a própria tradição do Yoga, enquanto ciência, possibilita-nos um estudo não dogmático da questão, pois a essência do Yoga não se baseia em crenças, mas sim em experiências. Assim, mantivemos um olhar crítico de pesquisador que buscou a compreensão da tradição dos mantras através da experiência do campo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Davila Maria da Cruz. *Memória do Santo Daime na Paraíba: 20 anos de histórias na Luz e no Som da Floresta*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, UFPB, João Pessoa, 2014.

ASHLEY-FARRAND, Thomas. *Shakti: os mantras da energia feminina*. Tradução de Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Pensamento, 2005.

AUROBINDO, Sri. *Sri Aurobindo and The Mother on Prayer and Mantra*. Índia: Sri Aurobindo Asham Trust, 1971.

BHAGAVADGITA: *Canção do Venerável*. Tradução do sânscrito, prefácio e notas: Carlos Alberto Fonseca. São Paulo: Globo, 2009.

CHAUDHURI, Haridas. *Yoga Integral*. Tradução de Noellini Souza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ELIADE, Mircea. *Yoga: Imortalidade e Liberdade*. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2012.

FEUERSTEIN, Georg. *A Tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Pensamento, 2006.

GNERRE, Maria Lúcia Abaurre. *Religiões Orientais: uma introdução*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

GOMES, Horivaldo. *Curso de formação nas técnicas milenares do Yoga*. Módulo Mantra. Rio de Janeiro-RJ, 2012.

GULMINI, Lilian. Râja Yoga e Sâmkhya: investigações sobre a consciência. In: POSSEBON, Fabrício (org.) *Cultura indiana: ensaios e reflexões*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

SWAMI, Purushatraya. *Sanidade Espiritual: Crônicas, Artigos, Ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Sankirtana Books, 2013.

WILLIAMS, George M. *Handbook of Hindu mythology*. Santa Barbara, USA: ABC-Clio Press, 2003.

MÃE, A. *O caminho ensolarado: passagens de conversas e textos d'A Mãe*. Carlos Henrique de Andrade (trad.). Índia: Sri Aurobindo Ashram Trust, 2012.

MEHTA, Rohit. *O Chamado dos Upanixades*. Brasília: Editora Teosófica, 2003.

MERLO, Vicente. *Os ensinamentos de Sri Aurobindo: o Yoga Integral e o caminho da vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2010.

MONIER-WILLIAMS. *A Sanskrit-English Dictionary*. Oxford, England: Clarendon Press, 1988.

NOVAES, Sônia; et al. *Mantras para o dia a dia*. Campinas-SP: Átomo, 2011.

_____. *Mantraratanam*. Vidya Pitham. Centro de Estudos Vedanta e Sânscrito, s/a.

PANDIT, M. P. *Japa*. Sri Aurobindo Ashram. Pondicherry: The Jupiter Press Private Ltda, 1959.

PRABHAVANANDA, Swami; MANCHESTER, Frederick. *Mandukia Upanishad*. Tradução de Cláudia Gerpe. São Paulo: Pensamento, 1993.

PRABHUPADA, A.C. *Bhaktivedanta Swami*. Meditação e Superconsciência. China: The Bhaktivedanta book trust, 2011.

PURUSHATRYA, Swami. *Sanidade espiritual: reflexões do aqui e do porvir*. Sankirtana Books, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

TAIMNI, I.K. *Gayatri: O Mantra Sagrado da Índia*. Tradução de Marina Villares Lenz Cesar. Brasília-DF: Teosófica, 1991.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

YOGANANDA, Paramahansa. *A Eterna Busca do Homem: Como Perceber Deus na Vida Diária*. V. I. Rio de Janeiro: Self Realization, 2007.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athenas, 2003.